

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

GUILHERME CONTI MARCELLO

Do falar, do ouvir, do calar: sobre a linguagem no  
pensamento de Martin Heidegger

**MESTRADO EM FILOSOFIA**

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

GUILHERME CONTI MARCELLO

Do falar, do ouvir, do calar: sobre a linguagem no  
pensamento de Martin Heidegger

**MESTRADO EM FILOSOFIA**

Dissertação de mestrado apresentada  
como exigência parcial para obtenção de  
título de mestre em Filosofia, sob  
orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Salma Tannus  
Muchail.

São Paulo

2012

Banca Examinadora

---

---

---

*Para papai.*

*Seremos sempre os reis da batata!*

## Agradecimentos

Agradeço especialmente:

À Profa. Dra. Salma Tannus Muchail, orientadora impar, que conduziu o trabalho e a mim com tamanha delicadeza, fazendo de cada momento uma bela descoberta.

Às professoras Dra. Dulce Mára Critelli e Dra. Yolanda Glória Gamboa Muñoz, pela importante contribuição no exame de qualificação.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

À minha mãe Edna, que acompanhou esta trilha com a proximidade de um guia, cuidando para que a elaboração deste trabalho pudesse ser também uma parte de meu crescimento.

À Débora, parceira inseparável e fundamental, todos os dias.

Aos amigos, Felipe, Juliana e Lucas, pela vibração a cada etapa vencida.

Ao Rafael, companheiro que por diversas vezes fez com que eu retomasse o ânimo em terminar esta pesquisa.

À Else, pela tradução, que veio na hora certa.

Aos amigos Filipe, Jan, Lucas e Victor, que estiveram por perto desde o ingresso no mestrado, fazendo com que os momentos de cansaço se tornassem também produtivos.

*Sempre que um menino ou mesmo um adulto vê o nascimento de uma palavra, seu horizonte vital se torna mais denso, elástico, luminoso.*

(Nelson Rodrigues)

MARCELLO, G.C. *Do falar, do ouvir, do calar: sobre a linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. 2012 92f. Dissertação – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

## Resumo

O propósito desta pesquisa é investigar o conceito de linguagem na segunda fase do pensamento de Martin Heidegger, mais especificamente, em *A caminho da linguagem*, publicado em 1959. Esta obra agrupa e solidifica as considerações de Heidegger acerca do tema da linguagem ao longo da assim chamada *vira-volta* (*Kehre*) no percurso do pensador. O trabalho é dividido em quatro: *considerações gerais* sobre o pensamento de Heidegger e a linguagem, um capítulo sobre *escuta* (*Hören*) e *silêncio* (*Schwaigen*), outro capítulo sobre *fala* (*Sprache*) e *discurso* (*Rede*) e encerrando com as considerações finais. Na *vira-volta*, a discussão acerca da linguagem se estabelece a partir de um ponto de vista ontológico. A referência à linguagem agora é feita na forma do dizer (*Sagen*), a saga do que é dito que pode desencobrir os significados e sentidos das manifestações do Ser (*Seyn*), também na história pelo acontecimento apropriador (*Ereignis*). A linguagem, então, faz com que a pergunta sobre a *história da verdade do Ser* possa ser pensada de modo apropriado. Heidegger apresenta a poesia como modo de ser da linguagem que possibilita o desvelamento do Ser em sua originalidade. A escuta atua, também, como uma manifestação do Ser que perpassa o ente humano, isto é, o *Dasein* e estabelece uma relação de anterioridade, igualmente atrelada aos modos de ser do Ser, com o silêncio. As considerações finais revisitam o percurso do trabalho, propondo fechamento a algumas pontuações expressas, e intencionando a reflexão de uma proposta ética baseada na linguagem, a possibilidade de acolhimento do Ser mediada pela articulação compreensiva da linguagem, que possibilita à verdade seu desvelamento.

**Palavras-chave:** Linguagem, Ser, Verdade, *Vira-Volta*, *Ereignis*.

MARCELLO, G.C. *From the speech, the listen and the mute: regarding the language in the thought of Martin Heidegger*, 2012 92p. Master's degree thesis – Department of Post-Graduate Studies in Philosophy. Pontifícia Universidade Católica from São Paulo.

## Abstract

The purpose of this research is to investigate the language concept at the second phase of Martin Heidegger thought, more specific at *On the way to language*, published in 1959. This work gathers and solidifies the considerations from Heidegger throughout the *turning (Kehre)*. This work is divided in four parties designed to the language discussion: general considerations concerning the thought from Heidegger and the language, one chapter about listen (*Hören*) and silence (*Schwaigen*), another chapter about speech (*Sprache*) and discussion (*Rede*) and concluding with the final considerations. At the *turning*, the discussion about the language is established from one ontological point of view. The reference to the language is now performed as a speech (*Sagen*), the narrative of what is said can undercover the meanings and feelings from the Being manifestation (*Seyn*), also in the history through the *Ereignis*. The language then, makes the question regarding the history if the Being's true *in order* to be thought by the mortals in an appropriate method. Heidegger displays the poetry as an existent way of language, which provides to unveil the Being. The listen acts, also, as an existent manifestation, which pervades the *Dasein* and establish a previous relation, equally related to the way of exist from Being, as the silence of the Being in its originality. The final considerations returns to the work percussion, concluding some of consistent issues, and intended to a reflection of an ethic propose based on the language, the possibility of hosting from Being intermediated by the language comprehension articulation, which provides the truth of its unveil.

**Key-words:** *Language, Being, True, Turning, Ereignis.*

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>1 Considerações gerais acerca da linguagem no pensamento de Heidegger.....</b>	<b>15</b>
<b>2 Da linguagem como de-monstração.....</b>	<b>29</b>
2.1 A capacidade de mostrar da <i>saga do dizer</i> .....	<b>29</b>
2.2 Ser, poesia e linguagem.....	<b>37</b>
<b>3 Da escuta e do silêncio: a compreensão do Ser.....</b>	<b>51</b>
3.1 A escuta como lugar da apreensão do Ser .....	<b>51</b>
3.2 O silêncio como possibilidade da linguagem .....	<b>62</b>
<b>4 Retomada e reflexões finais.....</b>	<b>71</b>
4.1 Retomada: a linguagem em <i>A Caminho da Linguagem</i> .....	<b>72</b>
4.2 Uma possibilidade ética.....	<b>81</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>91</b>

## Obras de Martin Heidegger

Como recurso para a simplificação do uso e destaque das obras de Heidegger necessárias à estruturação deste trabalho, um glossário de siglas, que fazem referência ao título da obra do filósofo utilizada, foi elaborado. Cada texto, na primeira vez em que for citado no todo do trabalho, será destacado em seu título por extenso e, na sequência, somente apresentado conforme sua sigla.

A Linguagem: **AL**

A Origem da Obra de Arte: **OOA**

A questão da Técnica: **QT**

Being and Time: **BT**

Carta sobre o Humanismo: **CSH**

De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador: **CJP**

Hinos de Hölderlin: **HH**

History of the concept of time: Prolegomena: **HCTP**

Introdução à filosofia: **IF**

Meditação: **Me**

Nietzsche, Metafísica e Nihilismo: **N**

O caminho para a linguagem: **CL**

O que quer dizer pensar: **DP**

Posfácio (1943) - Que é metafísica: **PM**

Que é isto - a filosofia?: **QF**

Sein und Zeit: **SZ**

Ser e Tempo: **ST**

Sobre a essência da verdade: **EV**

## Introdução

O propósito desta pesquisa é investigar o conceito de linguagem na segunda fase do pensamento de Martin Heidegger. De modo mais circunscrito, a intenção é analisar o conceito de linguagem, e como é apresentado pelo pensador em uma obra específica: *A caminho da linguagem*. Como as articulações sobre a linguagem não são construídas somente em uma obra do filósofo, mas se compõem ao longo da expressão de seu pensamento, faz-se necessário harmonizar diferentes escritos do mesmo período histórico de produção para se aproximar da definição do conceito heideggeriano de linguagem. O contato com a obra do filósofo proporciona condições para que se possa compartilhar da opinião formada por estudiosos, no sentido de que há dois momentos no pensamento do autor<sup>1</sup>.

A primeira fase de seu pensamento é marcada pela ontologia fundamental de *Ser e Tempo* publicada em 1927, onde a pergunta acerca do ser, e a análise dos mais centrais conceitos da filosofia se estruturam no horizonte da existência humana. Adotando o ente que somos como via de acesso às investigações sobre o ser e a filosofia, Heidegger propõe que os desdobramentos mais corriqueiros do existir sejam o impulso necessário proporcionador do pensamento filosófico.

Como contraponto às conceituações cunhadas a partir dos escritos de *Ser e Tempo*, a segunda metade da filosofia de Heidegger traz como um de seus pilares a investigação a propósito da *história da verdade do ser*. Neste sentido, a chamada segunda fase de pensamento marcada na obra de Heidegger é marcada pelo próprio filósofo, como uma *vira-volta (Kehre)*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. E. Stein, *Conferências e escritos filosóficos*.

<sup>2</sup> O termo alemão *Kehre*, traduzido pela expressão *vira-volta*, é atribuído pelo próprio Heidegger à sua mudança de rumo, isto é, ao período de viragem filosófica do autor, compreendido a partir dos anos de 1930 com a transformação da pergunta acerca do ser em contexto humano-existencial, para uma compreensão histórica. Não se trata, então, de um abandono e nem mesmo rejeição das construções apresentadas até aquele momento, mas de uma alteração de percepção e pensamento em relação aos temas já elencados antes. Nas próximas seções deste trabalho, a chamada *Vira-volta (Kehre)* será tratada de modo mais aprofundado. Serão apresentados os pontos de partida e primeiros significados do

Destacar o conceito de linguagem no segundo momento do pensamento de Heidegger é entrar em contato com um dos seus mais fundamentais temas. A pesquisa pelo ser, empreendida neste contexto, com intenções históricas e não mais de fundação existencial, perpassa e, ao mesmo tempo, é atravessada pelo tema da linguagem de modo central.

A escolha de *A caminho da linguagem*, publicado em 1959, se justifica por se tratar de uma obra destinada especificamente à investigação da linguagem. Obra tardia de Heidegger, não é um tratado histórico sobre a linguagem, nem mesmo um trabalho destinado a explicações sobre ela. O autor não teoriza sobre a linguagem estabelecendo paradigmas sobre seu objeto de estudo de modo a configurar seu pensamento em uma filosofia da linguagem. Ao contrário, é uma coletânea de artigos, resumos de aulas e textos avulsos, mas de considerável destaque no pensamento heideggeriano. *A caminho da linguagem* agrupa e solidifica as considerações de Heidegger acerca do tema da linguagem ao longo da *vira-volta (Kehre)*. Conforme Loparic,

Heidegger não se interessa pela filosofia da linguagem, um modo de teorização que toma a linguagem como um objeto de estudo, entre outros possíveis. Os seus problemas são *com* a linguagem e, por isso, ele fala *da* linguagem em vez de filosofar *sobre* a linguagem.<sup>3</sup>

Neste sentido, o que Heidegger apresenta em *A caminho da linguagem* é um rumo para a linguagem de modo que seja possível compreendê-la, primordialmente, antes que explicá-la. Com esta proposta, Heidegger discute os pontos essenciais à composição e estabelecimento da linguagem como ponto de união entre o ente que somos e as manifestações do ser.

Observações acerca da obra central escolhida que circunscreve esta dissertação orientam sua estrutura. Os quatro capítulos que compõem este trabalho serão organizados de modo a que as temáticas componentes da linguagem possam se articular de maneira compreensível, e que

---

conceito de linguagem no pensamento de Martin Heidegger, para que seja possível debatê-los no contexto do segundo momento de seu pensamento.

<sup>3</sup> Z. Loparic, *A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger*. p.9.

proporcionem argumentações sólidas para uma discussão sobre o conceito de linguagem, suas articulações com o existente e as convocações do ser. O trabalho tem início com uma seção destinada a *considerações gerais* sobre o pensamento de Heidegger sobre a linguagem. Na sequência, um capítulo sobre *escuta (Hören)* e *silêncio (Schwaigen)* e, em continuidade, outro capítulo sobre *fala (Sprache)* e *discurso (Rede)*. No primeiro, há a contextualização geral do tema da linguagem no pensamento heideggeriano, enquanto os dois outros capítulos objetivam a apresentação e o questionamento das dimensões ontológicas da linguagem.

Para rematar, o caminho delineado pela dissertação é retomado, tendo em vista o regaste da intenção primeira deste trabalho: *acompanhar as reflexões de Heidegger sobre a linguagem em A caminho da linguagem, obra representante da segunda etapa de seu pensamento para, então, contextualizar o que o filósofo compreende por linguagem neste momento.*

Esta pesquisa apoiou-se em tradução para o português de obras de Heidegger, conforme destaque feito no corpo do texto. No caso específico de *A caminho da linguagem*, são consideradas as traduções brasileiras, de diferentes tradutores, o que contribuiu para estimar a fidedignidade terminológica das versões apresentadas. Em alguns casos, serão utilizadas versões de algumas obras em outros idiomas, como o inglês, com eventuais consultas ao original alemão, tendo em vista a busca e/ou preservação do sentido no contexto próximo ou autêntico do pensamento do filósofo.

## 1 Considerações gerais acerca da linguagem no pensamento de Heidegger

Investigar a linguagem na filosofia de Martin Heidegger é propor um retorno a diversas obras e fases de seu pensamento, dada a presença intensa deste conceito na maior parte das reflexões do filósofo. Nem sempre como um conteúdo explicitamente discutido e trabalhado em seus escritos, a linguagem permanece, acima de tudo, como o grande recurso da filosofia heideggeriana. Levando em conta o marco que estabelece a gênese e, ao mesmo tempo, a síntese da primeira fase de Heidegger, *Ser e Tempo* apresenta considerações sobre a linguagem mantidas ao longo de todo o pensamento do filósofo. Heidegger não tem intenção de investigar a linguagem como um mero instrumento comunicativo disponível ao uso dos homens. O ponto de vista adotado em relação à linguagem em *Ser e Tempo* altera este paradigma, admitindo-a não somente como um estatuto de pura interação e proliferação de certezas e palavras entre os humanos, mas como uma condição existencial que proporciona ao ente que somos sua qualidade de ser-aí.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger já argumenta que a base fundamental da linguagem não se encontra na lógica nem na gramática, e muito menos nas potencialidades do aparelho fonador do animal racional, mas radica na constituição existencial do ser-aí, isto é, na abertura do ser-no-mundo<sup>4</sup>.

Heidegger estabelece a intenção de se perguntar pela linguagem a partir dela mesma e de suas relações com o ser-aí e o próprio ser<sup>5</sup>. Em *Ser e Tempo*, o entendimento acerca da linguagem dá vazão à nova possibilidade de conhecimento inaugurada no pensamento de Heidegger. A linguagem é apresentada como a possibilidade de comunicação do *Dasein*,

---

<sup>4</sup> A. Duarte, *Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro*. p. 134.

<sup>5</sup> Cf. Z. Loparic, *A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger*.

construção e preservação da dimensão da coexistência entre os mortais, habitantes de um mesmo mundo e, igualmente, na condição de ser-no-mundo. Comunicar é a possibilidade de contato - abertura e recebimento do outro como também um existente e sob a condição de fenômeno que se mostra por si só -, presente entre os homens na dimensão ontológica da coexistência, que, por sua vez, é a base do ser-no-mundo do *Dasein* acompanhado. Ainda, a linguagem comunica por, justamente, pronunciar; expressa a existência do ser-aí como ser-no-mundo-com-outros.

Comunicação nunca é apenas transposição de experiências, como opiniões e desejos, do interior de um sujeito para o interior de outro sujeito. Os co-seres-aí já se manifestaram compartilhando disposições de ânimo e compreensão. No discurso o ser-com se torna 'explicito' *compartilhado*; o que significa, *que já está*, mas ainda não compartilhado como algo que não foi apreendido e apropriado<sup>6</sup>. [...] No discurso *Dasein* se expressa a si mesmo, não porque é, em uma primeira instância, encapsulado como algo 'interno' subjugado a algo de fora, mas por que ser-no-mundo já é 'para fora' quando compreende. O que é pronunciado é, precisamente, esse ser-para-fora – isto é, o modo da disposição de ânimo (humor) que já se mostrou como o que atinge a abertura do ser-em. Ser-em e disposição de ânimo são, no discurso, demonstrados pela entonação, modulação, ritmo, pela 'forma de falar'<sup>7</sup>.

Não somente nos trechos destinados exclusivamente à discussão particular do tema da linguagem, parágrafos 33 e 34 de *Ser e Tempo*, este conceito é, enquanto dimensão essencial do *Dasein*, atrelado às demais reflexões de Heidegger ao longo da obra. A linguagem confere ao humano seu estatuto de existente e habitante de um mundo. Já em *Ser e Tempo*, esta dimensão do ser-aí enlaça o ser-no-mundo não só desvelando e articulando o sentido do existir, mas, também, desocultando as convocatórias de ser, pois é encarada como também possuidora do modo

---

<sup>6</sup> M. Heidegger, *Sein und Zeit*. p. 162: *Das Mitsein wird in der Rede "ausdrücklich" geteilt, das heisst es ist schon, nur ungeteilt als nicht ergriffenes und zugeeignetes*. Em tradução quase literal quer dizer: O ser-com é compartilhado no discurso (*Rede*) "explicitamente", o que significa que *já é*, não só como indivisível e apropriado. Ou seja, Heidegger deixa claro que a dimensão ser-com já é independente do discurso (*Rede*), entretanto, a partir dele, em sua comunicação, se revela explicitamente.

<sup>7</sup> Id. p. 205

de ser do *Dasein*. Em outras palavras, Heidegger considera que a linguagem possui o *aí*/indeterminação que caracteriza o ente humano, pois sua constituição e relação com as demais dimensões do *Dasein* são processuais e pautadas em uma compreensão de possibilidades, e não afirmações. Em *Ser e Tempo* a perspectiva existencial que permeia o estudo da linguagem à aproxima da abertura do *ser-aí* fundamentando a superação de um entendimento meramente comunicativo e gramatical deste tema.

Apesar de mantidos, alguns dos pontos alcançados e apresentados em *Ser e Tempo* passam por transformações que possibilitam suas articulações ao novo modo de Heidegger se debruçar na pergunta pelo ser. A mudança de centro no pensamento heideggeriano conduz grande parte dos aprimoramentos feitos nos pontos já alcançados em *Ser e Tempo* sobre a linguagem. Em suas obras posteriores, datadas do período considerado a *vira-volta*, o filósofo apresenta o *Dasein* e sua existência não delineados como o centro de seu pensamento<sup>8</sup>. Por consequência, os modos de abordagem que perpassam o tema da linguagem atuam no redesenho dessa problemática.

Se no período da ontologia fundamental a análise da linguagem se inseria no âmbito da analítica existencial, que desvelava o caráter de abertura do *ser-aí* em seu comportar-se para com o próprio ser, após a viragem (*Kehre*) o *ser-aí* será pensado como o ente extático ao qual corresponde a guarda protetora do aberto da clareira do ser, na qual ele já se encontra lançado; tal proteção se dá agora por meio do cultivo do pensamento essencial e da linguagem poético-meditativa, não objetificada ou objetificante, não calculadora e não representacional<sup>9</sup>.

O sentido de aprimoramento e superação atribuídos ao período da *vira-volta* consiste na complementaridade estabelecida entre o primeiro e

---

<sup>8</sup> A referência feita ao *Dasein* diz respeito às vias de acesso elencadas por Heidegger à questão do ser ao longo da primeira e da segunda fase. Respectivamente, o *ser-aí* e sua existência são pontos centrais no pensamento desenvolvido pelo filósofo em *Ser e Tempo*, vez que a pergunta pelo ser é, neste momento, um questionamento que o ente que somos faz, sempre, a si mesmo. Em contrapartida, na *vira-volta* Heidegger se dedica à um tipo de investigação histórica acerca da questão do ser. De cunho historial e não historiográfico, a pergunta que direciona as reflexões deste momento diz respeito à *história da verdade do ser*. Neste caso, *Dasein* não é mais o centro e fundamento das discussões, pois o ser investigado não é, no contexto geral desta fase, aquele que interage e convive com o existente.

<sup>9</sup> A. Duarte, op. cit. p. 142-143.

segundo caminho que Heidegger percorre ao pensar a questão do ser. Se, de um lado, o intento ao investigar a pergunta pelo ser exigiu que o ser-aí, condição essencial de *êx-tase* característica da *ex-sistência*<sup>10</sup>, fosse a via de acesso fundante, por outro, o próprio filósofo estabelece um retorno à questão da existência e do ser-aí para abordá-la conforme os alicerces da *vira-volta*. Heidegger busca reconduzir o ser-aí às bases originárias de sua relação íntima com o próprio ser. Portanto, antes do ser do ser-aí há o próprio ser como pergunta ainda mais original. Heidegger estabelece então, a partir da necessidade de destacar os termos utilizados na construção do seu pensamento, o uso de palavra proveniente da língua alemã arcaica *Seyn*<sup>11</sup> para referenciar o mais primitivo resquício de ser enquanto proposta filosófica. Logo, o ser do homem, tal qual o ser de qualquer outro ente, é *Sein*, diferentemente do ser propriamente ser, pelo qual a filosofia se pergunta mais originária e profundamente, grafado como *Seyn*<sup>12</sup>.

O seer – nada divino, nada humano, nada mundano, nada terreno- e contudo, tudo isto junto como o entrementes – inexplicável, sem efeito, para além de poder e de

<sup>10</sup> O termo *ex-sistência* é utilizado com destaque e separação gráfica como modo de acompanhamento do pensar de Heidegger. Acompanhada à condição do existente, *Dasein* é, também, em *êx-tase*. Em diversas traduções da obra do filósofo a língua portuguesa o recurso do hífen é usado para preservação da origem do termo utilizado no texto alemão. Neste caso, a proveniência da terminologia discutida é a palavra *eksistere*, do grego, que indica algo que transcende a si mesmo. *Eksistere* é desdobramento do termo *ekstasis*, que determina um movimento de lançar-se ao alto como algo que supera seus próprios limites. Assim, quando Heidegger estabelece o *Dasein* como o ser do ente homem, isto é, sua existência, admite que ser-aí, lançado ao mundo de possibilidades é, de fato, o mesmo contexto expresso pelo termo *ekstasis*. Neste sentido, debater acerca da *êx-tase* da *ex-sistência* do ser-aí é retomar a ideia de superação e transcendência própria reconhecida por Heidegger como a essência do humano. Portanto, *Dasein* como sinônimo de existência carrega em sua significação conceitual dentro das construções filosóficas heideggerianas as noções de lançamento ao desconhecido e indeterminado por meio da quebra de barreiras que permite sua transcendência a si mesmo, insistindo constantemente no “para fora” de si.

<sup>11</sup> Na tradução ao português deste jogo de palavras, Marco Antônio Casanova opta, do mesmo modo que Heidegger, por um retorno à língua portuguesa arcaica. Neste sentido, *Seyn* é traduzido como *Seer* e, por sua vez, *Sein* mantêm-se como *Ser*. No entanto, nesta dissertação serão adotadas as grafias *Ser* (com maiúscula) para o chamado *Seyn* ou *seer*, e *ser* (com minúscula) para o conceito expresso por *Sein*. “[...] Nós traduzimos estes termos respectivamente por ‘ser’ e ‘seer’ em função do fato de a grafia arcaica de ser em português ser feita com duas letras ‘e’.” As escolhas do tradutor M.A. Casanova serão mantidas em todas as transcrições de suas obras utilizadas ao longo do trabalho. M.A.Casanova, *Introdução à Filosofia*. p.11.

<sup>12</sup> Cf. M. A. Casanova, *A linguagem do acontecimento apropriativo*.

impotência essência-se o seer. Incontornável para o homem, uma vez que ele se encontra assim no aberto do ente, ele mesmo sendo, comportando-se, postando-se em relação ao ser. A partir do ente, o seer nunca é explicável, porque a essenciação do seer aponta para o abissal, que recusa toda apelação ao ente, uma vez que o abismo impele unicamente para o interior do seer. Por isto, a fundação da verdade do seer não pertence ao homem presente e "vivente", mas ao ser-aí para a insistência na qual o ser-humano precisa, de tempos em tempos, se transformar.<sup>13</sup>

Heidegger expressa o regresso a *Ser e Tempo* e às questões do *Dasein* ao mostrar que somente o ser-aí pode se lançar ao entendimento e investigação do Ser. Em outras palavras, de fato, *Dasein* é a possibilidade de contato com a questão do ser na totalidade do ente. Neste sentido, a condição de postado-para-fora-de-si concernente ao ser-aí é a possibilidade de contato com Ser. A investigação da *história da verdade do Ser* perpassa *Dasein*, mas não admite o ente homem como seu início. Faz referência como aquilo que geraria a concretude deste projeto, justamente, à condição de aberto na totalidade indeterminada do ser-aí. "A *historia do ser sustenta e determina cada condição e situação humana*".<sup>14</sup> O ponto de partida na busca pelo Ser é ele mesmo e sua interrogação.

A capacidade de perguntar pelo Ser, e seus alinhavos à existência do ente que somos é exclusiva do *Dasein*. Por este fato, o questionamento de Heidegger se solidifica mesmo não adotando a perspectiva existencial como centro. O Ser se faz possível, justamente, por mostrar-se como algo que necessita ser pensado, que solicita ao ser-aí que interrogue por ele. Com este horizonte, Heidegger apresenta possibilidades de manifestação e investigação do Ser como algo que se mostra ao entendimento. Para que se torne possível o encontro com as indagações manifestas na pergunta sobre o Ser, o filósofo sugere o pensar como aquilo que abre caminho para o observado ao mesmo tempo em que se constrói<sup>15</sup>. "[...] *Consumar significa*

<sup>13</sup> M. Heidegger, *Meditação*. p. 79.

<sup>14</sup> "A *historia do ser sustenta e determina cada condition et situacion humaine*". M. Heidegger, *Carta sobre o humanismo*. p.8.

<sup>15</sup> A palavra *caminho* é utilizada com a intenção do termo alemão *Holzwege*, que por sua vez faz referência aos caminhos abertos como trilhas e picadas em uma floresta, ou seja, são abertos e percorridos ao mesmo tempo e somente se abrem na medida em que são desbravados.

*desdobrar alguma coisa até à plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, producere. [...] O que todavia 'é', antes de tudo, é o ser. O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem.*"<sup>16</sup>

Na *vira-volta*, o pensar é admitido como o ponto de encontro entre o ser-aí e seu ser, em outras palavras, a existência constitui seu sentido por tratar-se de algo pensável. Esta conexão adquire caráter mais originário, propondo uma relação mais basilar. O ser do ser-aí, sua existência, está, por sua vez, em contato próximo com aquilo pelo que Heidegger pergunta, o Ser. O pensar é o intermédio entre esses pontos, pois não se trata, somente, de tarefa intelectual e racional. Para Heidegger, pensar é ceder àquilo que é pensado.

Chamamos de "amigável" o que pertence à essência do amigo e dele procede. De forma correspondente, chamamos, agora, de "pensável" aquilo que cabe pensar cuidadosamente. Todo "pensável" dá a pensar. Há, no entanto, uma tal doação somente e sempre à medida que o pensável, a partir de si mesmo, já é o que cabe pensar cuidadosamente. A partir de agora, denominamos "o que mais cabe pensar" àquilo que sempre e insistentemente dá a pensar, porque antes de toda e qualquer coisa outrora o deu e amanhã o dará<sup>17</sup>.

Heidegger afirma que pensar é corresponder a algo que convoca e se faz digno de ser pensado sem anterior decisão deliberada. *"Ele (o pensamento) jamais se funda no fato de que o representamos. "O pensável" dá a pensar. Ele dá o que ele tem em si. Ele tem o que ele próprio é.*"<sup>18</sup>

Como fundamental preocupação do filósofo na segunda fase de seu pensamento, a história da verdade do Ser estabelece comunicação com a questão do pensamento, pois, justamente, é aquilo que "vale por si só". O que possibilita *Dasein* se questionar acerca de sua existência, seu ser, é o contato que esse ente mantém com o Ser, o qual, por sua vez, é a pergunta primeira, aos olhos de Heidegger, da filosofia. *Dasein* somente se questiona porque, de início, pode pensar, responder intimamente ao que o Ser lhe apresenta como algo que se dá a pensar. O Ser se mostra, desoculta-se ao

---

<sup>16</sup> Id. p. 7.

<sup>17</sup> M. Heidegger, *O que quer dizer pensar?*. p. 112.

<sup>18</sup> Id. p. 113

*Dasein* como algo único, válido para o pensamento, pensável de modo, também, extra-cognitivo e racional.

Ser diz vigorar, presença (*Anwesen*). Esse caráter fundamental de ser, o vigorar, a presença, aqui ingenuamente enunciado, torna-se misterioso no instante em que despertamos e nos damos conta para onde isso que denominamos vigência, presença, envio nosso pensamento. Vigente é o que dura – o que vige a partir e no âmbito do desencobrimento. Vigorar só acontece onde prontamente impera desencobrimento. Algo é vidente, presente, porém, à medida que dura no e a partir do desencobrimento, e assim, se faz presente.<sup>19</sup>

É nesta vigência que *Dasein* e sua capacidade de pensar desencobrem o Ser e o trazem à tona como algo que está e pode ser tido como pensável. Uma vez que o pensamento do ser-aí pode desencobrir o Ser e apresentá-lo a partir de suas convocações, a vigência desta condição se articula à capacidade de pensar, possibilitando que *Dasein* se questione, também, para além de sua existência. A importância dada por Heidegger ao pensamento, como promotor dos questionamentos dignos de serem pensáveis, perpassa diretamente a linguagem como condição articuladora das reflexões. O pensamento se lança às necessidades e chamamentos do Ser que, por sua vez, se articulam ao mundo e à existência do *Dasein* a partir da linguagem como uma dimensão que confere e reúne os sentidos e significados expressos no mundo.

Ao estabelecer a pergunta pelo Ser em uma perspectiva histórica, Heidegger discute o ente que somos como um participante das interações entre o Ser, o mundo e a própria existência. O *Dasein* não é compreendido como a grande referência e ponto de partida das investigações que unem os pontos em destaque. É proposto, então, que os chamados do Ser pelo homem e pela relação íntima que mantém, *Dasein*, Ser e mundo, sejam os movimentos que convocam as mais fundamentais dimensões dos mortais, dentre elas, a linguagem. Neste sentido, diversamente do proposto no primeiro momento de sua filosofia, a linguagem não mais é um existencial que brota e parte do ser-aí em direção ao mundo e ao Ser é, justamente, o avesso deste arranjo. Trata-se de uma convocatória do Ser à existência

---

<sup>19</sup> Id. p. 123.

para que se mostre como o por-vir que é, para, desta forma, contribuir no estabelecimento das teias significativas entrelaçadas pelo ser-aí na formação e recebimento do mundo enquanto fenômeno.

Como característica marcante do estudo da linguagem na *vira-volta*, deve-se assinalar sua importância fundamental, dado o duplo papel que Heidegger lhe atribui. É, ao mesmo tempo, objeto investigado a fundo e meio de realização das perguntas feitas acerca dos temas desenvolvidos na busca da compreensão histórica da verdade do Ser. O filósofo elege a linguagem como o caminho possível ao desvelamento das questões, a seus significados e sentidos, dentro de um pensamento acerca do Ser e seu convívio com o ser-aí. A linguagem, portanto, se manifesta para Heidegger, bem como na construção de suas reflexões, como algo que possibilita que o próprio pensamento se concretize.

Para o autor, lidar com a linguagem com o intuito de desvendá-la em suas possibilidades é uma armadilha perigosa, levando-se em conta a facilidade que se tem de se transformar esta preocupação em uma teoria linguística. Não se trata de um distanciamento em relação à linguística e nem mesmo algum tipo de recusa ao conhecimento produzido por esta área. Ao contrário, Heidegger admite os pontos investigados pela linguística e pela filosofia da linguagem como avanços de suma importância, mas considera que pensar a linguagem não pode ser sinônimo de teorização linguística. Heidegger diz, então, que é possível e necessário pensar a linguagem de modo que o foco do questionamento se mostre como possibilidade de encaminhar-se a ela<sup>20</sup>. Justamente, ir a caminho da linguagem é voltar o olhar para o ponto onde já estamos, pois a própria linguagem já está em contato com o homem e articulada ao Ser e não o oposto.

A linguagem pertence, em todo caso, à vizinhança mais próxima do humano. A linguagem encontra-se por toda parte. Não é, portanto, de se admirar que, tão logo o homem faça uma idéia do que se acha ao seu redor, ele encontre imediatamente também a linguagem, de maneira a determiná-la numa perspectiva condizente com o que a partir dela se mostra. O pensamento busca elaborar uma representação universal da linguagem<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf. M. Heidegger, *A linguagem*.

<sup>21</sup> Id. p. 1

O que o filósofo apresenta é, portanto, o fato de se adotar a própria linguagem como ponto de partida para sua investigação e não pontuações e temas suplementares como apoio ao seu entendimento. Investigar a linguagem tal como Heidegger propõe é estreitar o contato com esta dimensão. É, de fato, buscá-la em sua proximidade com o humano e em sua relação com o Ser.

Queremos pensar a linguagem ela mesma e somente desde a linguagem. A linguagem ela mesma: a linguagem e nada além dela. A linguagem ela mesma é linguagem. [...] Não queremos, porém, ir a lugar nenhum. Queremos ao menos uma vez chegar ao ponto em que já estamos<sup>22</sup>.

Para Heidegger, em correspondência à posição do ser-no-mundo e da existência em *Ser e Tempo*, a linguagem, na *vira-volta*, chama o pensamento a compreendê-la. Portanto, Heidegger propõe um modo de estudo para este tema que possa ser, somente, um aprofundamento concêntrico<sup>23</sup> sobre o assunto, uma busca pelo originário e fundante da própria linguagem. Assim, o filósofo não determina a linguagem de acordo com este ou aquele referencial, mas se coloca em sua busca, a caminho dela mesma. Compreender a linguagem a partir dela mesma é tentar alcançá-la em sua relação com o Ser, que traz à tona a possibilidade de existir ao ser-aí. Existir, neste sentido, diz respeito ao compartilhamento de mundo e abertura ao pensar e às questões do Ser e da verdade manifestas ao longo do tempo. Ao apresentar este entendimento acerca da linguagem e, principalmente, seu modo de relação com o ente homem, Heidegger lapida sua consideração trazida por *Ser e Tempo*. Se, de um lado, o filósofo

---

<sup>22</sup> Id. p. 2.

<sup>23</sup> Heidegger adota um estilo de pensamento espiralado concêntrico. Isto é, as reflexões do filósofo estão, na maior parte das vezes, em torno de um mesmo eixo, proporcionando a sensação de circularidade. No entanto, não é considerado um círculo, do ponto de vista de uma repetição sequencial que não avança. A espiral aprofunda em busca do originário acerca de algo promovendo retornos a cada ponto alcançado ao longo do caminho que precede o conhecimento do fenômeno escolhido. A palavra alemã que designa esta proposta heideggeriana é *Ursprung*, que significa origem, e em tradução literal: "um mergulho para trás". Portanto, o sentido de atingir a profundidade de algum tema a partir do exercício concêntrico dos círculos do pensamento é garantido pelo *mergulho* que o termo referencia. Em complemento, a ideia de um retorno ao originário das coisas, ao primeiro e mais fundamental, em outras palavras, o basilar de cada tema recebe menção na imagem de um mergulho para *trás*.

apresenta a linguagem como dimensão existencial do ser-aí que, invariavelmente, a possui desvelando-a em suas diversas possibilidades, por outro, na *vira-volta*, o modo como esse contexto se mostra é outro e circunscreve o pensamento de Heidegger ainda mais em sua busca pelo Ser e em seus meios de acesso a ele.

Pensamos comumente a linguagem a partir da correspondência à essência do homem na medida em que este é apresentado *animal-rationale*, isto é, como na unidade de corpo-alma-espírito. Todavia, assim com na *humanitas* do *homo animalis* a ex-sistência permanece oculta e, através dela, a relação da verdade do ser com o homem, assim encobre a interpretação metafísico-animal da linguagem sua essência ontológico-histórica<sup>24</sup>.

Em razão de em *Ser e Tempo* o *Dasein* e a linguagem serem tratados a partir de uma perspectiva existencial, o aspecto humanizante da linguagem é um ponto fundamental no estabelecimento de mundo e sentido aos mortais. A conjuntura da existência é apresentada a partir da linguagem como o ponto que unifica os sentidos e estabelece as uniões necessárias ao ser-aí para que se desvele enquanto um projeto lançado ao indeterminado. Não somente como dimensão comunicativa entre os semelhantes, a linguagem no primeiro momento da filosofia heideggeriana proporciona ao ser-aí a compreensão dos fenômenos que se apresentam para que sejam estabelecidos, também, em um arranjo do ser-no-mundo<sup>25</sup>. O que implica a transformação de pensamento de Heidegger, no que diz respeito à linguagem, é, justamente, a contraposição à ideia desenvolvida ao longo da história da filosofia de que o humano a possui como um instrumento e/ou ferramenta comunicativa útil. Ao contrário, a linguagem se mostra como parceira do ser-aí no convívio com o Ser e somente por isso é possível que compartilhem do recebimento dos fenômenos.

Como anteriormente, a linguagem não será pensada como uma faculdade ou capacidade humana entre outras; porém, em vez de afirmar que a linguagem deve ter o mesmo modo de ser do ser-aí, agora Heidegger diz que

<sup>24</sup> M. Heidegger, **CSH**. p. 165.

<sup>25</sup> A. Duarte, op cit.

pensar a essência da linguagem é pensar a essência do humano, conduzindo o homem ao lugar da sua essência [...] Surge então, a questão da determinação da relação entre ser, pensamento meditativo e linguagem, problema que não se encontrava presente em *Ser e Tempo* e que permitirá a Heidegger aprofundar sua concepção ontológica da linguagem sem, no entanto, desviá-la fundamentalmente das bases ontológicas já anteriormente conquistadas. Assim, persistirão nas suas análises tardias sobre o ser da linguagem o primado ontológico já concedido anteriormente à escuta e ao silêncio, a recusa da concepção da linguagem como mero veículo da transmissão de informações e a crítica da definição do humano como animal racional dotado da faculdade da fala, elementos fundamentais para uma consideração pós-metafísica da ética<sup>26</sup>.

Os escritos tardios de Heidegger, principalmente aqueles condensados em *A caminho da Linguagem*, demonstram a preocupação do filósofo em estabelecer pesquisas acerca da linguagem sem o intuito obrigatório de classificar e, muito menos, postular algum tipo de certeza acerca deste tema. O pensamento do autor se direciona a uma questão fundamental relacionada às manifestações históricas<sup>27</sup> da verdade do Ser e, por consequência, perpassa o tema da linguagem como fundamento à possibilidade de questionamento do ser-aí. Habitando o Ser, a linguagem estabelece conexão com a existência do ente que somos, a qual, conforme Heidegger, também pertence a esta morada. Ainda, argumenta que somente porque a linguagem compreende o Ser tal como *Dasein*, uma morada, sua manifestação se dá a partir, e não causalmente, do ser-aí<sup>28</sup>. Isto dito, *Dasein* não é causa e nem resultado da linguagem, mas equivalente e essencialmente conectado a ela em função de sua estreita relação com o Ser e suas solicitações. Apesar das transformações em relação à linguagem e sua interação com o *Dasein*, o filósofo mantém *discurso (Rede)*, *fala (Sprache)*, *silêncio (Schwaigen)* e *escuta (Hören)* como pontos fundantes em relação ao entendimento da linguagem. Neste

---

<sup>26</sup> A. Duarte, op cit. p. 143.

<sup>27</sup> Condição do ser-aí em sua relação com a história, distinto daquilo que o termo da língua portuguesa *histórico* designa, algo datado em determinado período da história, que é objeto de estudo exclusivo da historiografia. *Historial* diz respeito à tradução francesa do termo alemão *Geschitilich, Historiell*. Cf. M. Heidegger, *Sobre a essência da verdade*.

<sup>28</sup> Cf. M. Heidegger, **CSH**.

sentido, o que, de fato, passa por possíveis refinamentos no que diz respeito à pergunta primeira de Heidegger é o modo de entendimento e relação entre as dimensões da linguagem. O conteúdo que a estabelece como dimensão basilar do ser-aí permanece como tópico a ser questionado e ampliado no que diz respeito às relações propostas pelo filósofo, vez que sua compreensão de Ser é redirecionada.

A partir desta consideração, Heidegger aprofunda seu modo de pensar a linguagem, esmiuçando suas dimensões para fundamentar seus pontos em relação à atuação da linguagem frente ao Ser. A linguagem é, portanto, não somente, e nem em primeiro lugar, um utensílio de reportagem, escrito ou oral, dos fenômenos que ocorrem no mundo, mas aquilo que torna possível o aparecimento dos fenômenos tais como se mostram<sup>29</sup>. A linguagem libera ao ser-aí a possibilidade de verdade enquanto um deixar-ser desvelado no aparecimento de um fenômeno. Neste sentido, para Heidegger, a linguagem na *vira-volta* assume a posição liberadora da verdade enquanto um modo de ser, e não somente uma adequação, uma vez que é estabelecida como a morada do Ser, habitação do ser-aí<sup>30</sup> e lhe proporciona a compreensão dos fenômenos tais como são. Se a busca heideggeriana é por um entendimento histórico da verdade do Ser, a linguagem é o que possibilita ao ser-aí se articular em sua habitação no Ser e pensá-lo de modo a recebê-lo enquanto um chamado. O sentido da linguagem se mostra como uma dimensão que une pontos entre o ser-aí e a história que, para Heidegger, estabelece a possibilidade de o mundo receber significações ao longo das épocas e, de certo modo, apresentar-se ao *Dasein* como realidade não estabelecida previamente. A dimensão historial do ser-aí compartilha com a linguagem a capacidade de, no mundo, desvelar o Ser em suas solicitações e seu contato com a existência o que, por conseqüência, apresenta a verdade como uma liberação. A linguagem possibilita que o *Dasein* compreenda o Ser e sua relação com a verdade a partir de uma perspectiva de abertura, que, ao mesmo tempo, vela e

---

<sup>29</sup> Cf. M. Heidegger, *Hinos de Hölderlin*.

<sup>30</sup> Cf. M. Heidegger, **CSH**.

desvela fenômenos tal qual o movimento do tempo proporciona à história enquanto acontecimento (*Ereignis*)<sup>31</sup> e não apenas fato.

Desvelamento é a realidade se dando como verdade no ser-humano, pelo qual ele, respondendo e correspondendo a esse apelo de *poiesis/linguagem/logos* chega a ser o que é historicamente, isto é, no acontecer poético-apropriante (*Ereignis*). [...] <sup>32</sup>

A perspectiva abordada por Heidegger, no que diz respeito à compreensão da linguagem com um caminho ao Ser, e uma possibilidade compreensiva do Dasein, mostra que é possível a concretização de seu entendimento em consonância às manifestações históricas do Ser. A investigação acerca da história da verdade do Ser é, em paralelo às reflexões do filósofo sobre as questões do ser-aí e sua relação com a existência, uma investigação aprofundada sobre a linguagem. Deste modo, a linguagem se articula ao longo da *vira-volta* como um alicerce na

---

<sup>31</sup> *Ereignis* é um termo que designa "acontecimento, ocorrência", algo que ocorre em determinado contexto e que é, ou pode estar, em *acontecimento*. Termo que advém do alemão arcaico *Auge*, "olho", e até o século XVII eram grafadas *Eräugnis*, *eräugnen*, lit. "colocação/colocar diante do olho, vir-a-ser/ tornar-se visível". A ideia do *Ereignis* como um acontecimento que passa diante do olho, já está presente de modo ao existente ser, também, protagonista e seu fruto, implica na noção aplicada ao termo após a *vira-volta*. Em *Ser e Tempo*, a palavra *Ereignis* diz respeito aos acontecimentos pertencentes à facticidade do ser-aí, por exemplo, um trovão, uma mudança de casa ou uma festa. *Ereignis*, então, faz menção a episódios corriqueiros e não essencialmente entranhados na existência do *Dasein*. Como aproximada à noção que o termo funda no segundo momento do pensamento heideggeriano, o autor utiliza, em *Ser e Tempo*, a palavra *Geschehen*, evento, de origem no vocábulo *Geschichte*, história. "Depois de Sein und Zeit *Ereignis* torna-se de novo importante e briga com *Geschehen* pela estima de Heidegger. Ambos os termos são contrastados com *Vorgang* e *Vorkommnis*. As vezes elevam-se a *Begebenheit*, como um acontecimento histórico. Porém, mais tarde dele se distinguem: *Begebenheiten* são acontecimentos visíveis, dramáticos, mas superficiais e públicos, enquanto *Geschehen* e *Ereignis*, não obstante indiscerníveis, são profundamente importantes". O *Ereignis*, portanto, diz da possibilidade mais basilar do ser-aí estar em acontecimento na relação estabelecida com o Ser que o convoca ao longo da história. O *Dasein* acontece no *Ereignis* que é desvelado no fato da história correr com o fluxo do tempo, perpassando o eixo existencial do ente que somos e, simultaneamente, como um *Ereignis*, porque somente o ser-aí pode acontecer e não somente estabelecer-se de determinado modo, como um fato. "O ser se apropria do homem e o torna *Da-sein*, o local da revelação do ser. [...] Ser como *Ereignis* não é "tornar-se", "vida" ou "movimento" no sentido nietzschiano. Avistar ser nesses termos — que dependem do ser como entidade — faz dele um objeto. Não devemos fazer asserções sobre ele, mas "dizê-lo em um dito que pertence ao que o dito traz à luz e rejeita toda objetificação e falsificação em um estado (ou um 'fluxo')". M. Inwood, op cit. p.3.

<sup>32</sup> M. Heidegger, *A origem da obra de arte*. p. 236-238.

composição das perguntas de Heidegger e, ao mesmo tempo, é a própria possibilidade de investigação dos temas que o pensador se propõe pensar.

## 2 Da linguagem como de-monstração

### 2.1 A capacidade de mostrar da *saga do dizer*

A proposta de Heidegger, ao dar continuidade ao estudo da linguagem após *Ser e Tempo*, é ampliar seu horizonte à investigação do Ser e suas possibilidades em um âmbito histórico-temporal. Na investigação sobre a *história da verdade do Ser* reconhece o caráter fundamental da linguagem.

Assim, compreendida como possibilidade de manifestação do Ser na abertura que é o ser-aí, a linguagem se torna frequente na maioria das reflexões do filósofo<sup>33</sup>. A abordagem sobre a linguagem passa a ser feita com base em uma concepção global e não por meio das suas diferentes dimensões componentes. Heidegger reflete sobre as distintas dimensões da linguagem, mas a considera em sua totalidade e em relação com Ser.

De início, em *Ser e Tempo*, Heidegger trata a linguagem a partir do discurso (*Rede*) adotando-o como base, pois, nele se encontram todas as possibilidades ontológicas do *existencial* linguagem se manifestar no ser-aí. O discurso (*Rede*) é o que possibilita ao *Dasein* compreender como está sendo-no-mundo e, da mesma forma, como co-existe. Neste contexto, a fala (*Sprache*) é a expressão do discurso. A fala diz respeito à pura transmissão de ideias, palavras e sentimentos que ocorre entre os seres-aí. Na fala, a linguagem expressa não é ligada ao Ser, somente é apresentada como um instrumento de contato entre os existentes. Tal característica se opõe à possibilidade ontológica do discurso (*Rede*) como aquilo que possibilita à própria fala configurar-se como algo que carrega significação e sentido.

*O fundamento ontológico-existencial da linguagem é o discurso. [...] Discurso é existencialmente primordial tal como disposição de ânimo e compreensão. A compreensibilidade de algo está sempre articulada a algo, mesmo que anterior a qualquer modo apropriativo de interpretação. O discurso é a articulação dessa compreensibilidade. Por isso que o discurso articula*

---

<sup>33</sup> M. Inwood, op cit.

interpretação e proposição. É o que é articulado na interpretação, e de modo mais originário e anterior no discurso que devemos chamar de "sentido". O que é articulado a partir da articulação discursiva nós chamamos "totalidade-significativa" [*Bedeutungsganze*]<sup>34</sup>.

Mais tarde, Heidegger aprimora aquilo que atinge em *Ser e Tempo*, ampliando o horizonte abrangido pela linguagem, ao relacioná-la ao Ser e não somente à existência. Trata-se então de discuti-la a partir de um ponto de vista ontológico. A referência à linguagem agora é feita na forma do dizer (*Sagen*), a saga do que é dito – terminologias que pertencem à *vira-volta*.

Isto não significa que necessariamente o filósofo descarte o pensamento acerca da linguagem em seu uso cotidiano. Considerando-a também como uma dimensão do *Dasein* que proporciona o intermédio entre o existente e o Ser, a linguagem é responsável pela concretização deste contato no mundo e com os outros. Para tanto, não basta compreender a linguagem como discurso (*Rede*). É necessário compreender a *fala da linguagem*, isto é, o que a linguagem diz sobre as convocatórias do Ser ao *Dasein*. Trata-se de possibilitar que a linguagem se mostre como meio e finalidade de seu próprio questionamento e re-encontre seu caráter originário de relação com o Ser que a apresenta, de fato, como morada da essência dos mortais<sup>35</sup>. A fala da linguagem não diz respeito à capacidade vocal dos homens em externar sons que organizados se configuram em palavras, as quais, por sua vez, estabeleceram as línguas de acordo com as manifestações histórico-culturais e, portanto, instauram uma cadeia expressiva. A fala da linguagem faz referência à possibilidade da linguagem trazer à tona o contato que o ente finito estabelece com o Ser. Para Heidegger, a fala da linguagem é aquilo que, em última análise, pode *dizer* algo que deva ser dito sobre o que carece de um dizer. É o que pode estruturar um elo entre a compreensibilidade do *Dasein* e as manifestações do Ser no pensamento, no mundo e na própria existência.

---

<sup>34</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 204.

<sup>35</sup> M. Heidegger, **CSH**.

A abordagem do autor sobre o *dizer* remete o termo ao idioma alemão arcaico, que distancia seu entendimento do uso cotidiano, mesmo que referente à linguagem.

*Sagen* tem um sentido próximo ao de "dizer". Relacionava-se originalmente a *sehen*, "ver", e significava "deixar ver, mostrar". Este verbo forma muitos compostos, em particular, *aussagen* "afirmar, enunciar". Um substantivo derivado, *Sage*, já significou "algo que foi enunciado, um dito, ditado, provérbio", e depois "fala, narração, estória, rumor". [...] Heidegger muitas vezes usa *Sage* no sentido de "dito". Esta palavra é, segundo sua visão, bastante diferente de *Aussage*, "proposição", assim como *sagen* é diferente de *aussagen*. O que é asserido é uma proposição e uma asserção é falada ou escrita; o que é dito não precisa ser falado ou escrito, nem precisa ser proposicional. Podemos "dizer" o ser, mas ao podemos fazer proposições sobre ele. *Dizer* é diferente de falar: "Alguém pode falar [*sprechen*], falar infinitamente, sem nada dizer. [...] 'Dito' significa: mostrar, deixar aparecer, deixar ser visto e ouvido"<sup>36</sup>.

As articulações que o autor propõe fazem com que o termo *dizer* (*Sage*) adquira significados e sentidos determinantes no tema da linguagem na *vira-volta*. O que emerge no *dito* deixa e faz aparecer algo para que seja visto como tal. Poder "dizer o Ser" dá ao *Dasein* a possibilidade de, justamente por ser uma abertura, trazer à tona diversas manifestações do Ser, tanto históricas quanto existenciais ou temporais. O que é *dito* não depende da *fala* para vir à tona, mas necessita que o ser-aí compreenda o que lhe é dito, anteriormente, pelo Ser. O *dizer* da linguagem que convoca o ser-no-mundo solicita sua compreensão para que possa ser absorvido tal como se manifesta, e não ser transfigurado em um mero modo de falar. A linguagem, representada pelo discurso (*Rede*) como aquilo que significa o mundo e a própria convivência, não reserva ao falado a qualidade de portador do sentido e da possibilidade de contato com o Ser. Já o *dizer* libera o Ser e suas manifestações para que seja apreendido em sua verdade<sup>37</sup>. A verdade, por sua vez, é entendida como *Alethéia*, e não habita

<sup>36</sup> M. Inwood, op cit. p. 44.

<sup>37</sup> Heidegger adota a concepção de verdade de modo distinto da tradição filosófica, ou seja, a compreende como um modo de ser em relação às coisas, o mundo, os outros e o Ser. A verdade, portanto, é uma condição de abertura que o *Dasein* possui e que por isso se torna possível a compreensão do mundo a partir deste referencial. Abertura, neste contexto, faz menção a ao modo de ser do ser-aí que

a proposição<sup>38</sup>, nem mesmo as enunciações predicativas. Estas, ao contrário, é que derivam da linguagem no seu sentido original. A verdade desvelada a partir da linguagem habita, de fato, a estrutura ontológico-existencial, a qual possibilita que as próprias proposições sejam construídas. Neste sentido, a verdade desvelada pela linguagem diz respeito ao modo de contato com o mundo, os entes e os outros que o *Dasein* estabelece.

As reflexões sobre a linguagem como aquilo que torna possível ao Ser se manifestar como tal e abrir ao *Dasein* um horizonte compreensivo acerca desses aparecimentos, direcionam Heidegger, também, a uma pesquisa sobre as origens dos termos por ele utilizados com o intuito de preservar, ao máximo, o sentido de seu pensamento. No diálogo transcrito em *A caminho da linguagem*, em que Heidegger conversa com um japonês sobre as questões da filosofia, dentre elas a linguagem, o *dizer* (*Sagen*) é discutido conforme a concepção originária japonesa da linguagem.

Pensador: A palavra "saga". Indica e significa o dizer, o dito, o que deve ser dito.

Japonês: O que significa dizer?

Pensador: Presumivelmente, o mesmo que mostrar, no sentido de deixar aparecer e brilhar, mas nos movimentos de acenar.

Japonês: A saga não é, portanto, um termo que diga a fala e a linguagem humana...

Pensador: e sim a vigência com que nos acena a palavra japonesa *Koto Ba*. O que se diz na e pela saga<sup>39</sup>.

O que diz o *dizer* não é o que é dito na comunicação entre os homens, mas o que pode ser dito, aquilo que, de fato, é dizível e se

---

libera o ente do modo como se manifesta, de fato, o apreende como um fenômeno. Em última análise, para o filósofo, a verdade transcende os limites da adequação da coisa ao intelecto apresentando a possibilidade de correspondência ao modo fluido do Ser se mostrar. Cf. M. Heidegger, op cit.

<sup>38</sup> Para Heidegger, "a proposição permanece considerada em todo pensamento [...] um modo inferior de discurso. Podemos afirmar algo de entes, mas não do ser. Fazê-lo acaba por apresentar ser como um 'objeto' [...]" Pela proposição, são *de-monstrados*, definidos e comunicados ao mundo o que um determinado ser-aí entende. A interação entre os existentes ocorre, neste âmbito, de modo comunicativo, de início, estabelecida com base na fala que transmite. "A proposição é uma *de-monstração* que confere a algo uma definição por meio da comunicação". M. Inwood, op cit. p. /M. Heidegger, **BT**. p.199.

<sup>39</sup> M. Heidegger, De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. p. 113.

apresenta como possibilidade de linguagem. *Koto Ba*, para o japonês, não é a linguagem, mas sim o que a linguagem pode dizer, a capacidade de desvelamento que o *dizer* "saga" proporciona a partir do que é dito. Na aproximação feita por Heidegger ao significado originário de *Koto Ba*, o filósofo discute a capacidade mostradora do *dizer* em sua possibilidade inaugural. Neste sentido, o *dizer* se aproxima do *logos*. Tanto o *logos* como o *dizer* são desveladores de sentido de modo anterior ao aparecimento do significado daquilo que se manifesta. Anteriores às determinações aplicadas aos fenômenos equivalem-se e possibilitam que a linguagem seja pensada de modo originário. Para o japonês, *Koto Ba* é a qualidade da linguagem em desvelar o que o Ser chama a dizer, e o que é dito na fala da linguagem é o mais genuíno. Portanto, *Koto Ba*, *logos* e o *dizer* (*Sagen*) podem ser admitidas como equivalentes.

No dito, a fala se resguarda. No dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura- seu perdurar, seu vigorar, sua essência. [...] Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural<sup>40</sup>.

O que diz o *dizer* não é definido, do ponto de vista da comunicação entre os homens, pela fala e sua importância no movimento do ser-no-mundo. Dizer genuinamente é desvelar outra vez o que há de novo nas manifestações do Ser no *Dasein*, re-apresentar aquilo que por vezes já apareceu<sup>41</sup>. A linguagem, como aquilo que diz o dito pelo discurso (*Rede*) do *Dasein*, é a possibilidade de manifestação do Ser na existência. "Correspondendo duplamente à linguagem, ou seja, extraindo e respondendo, é que os mortais falam. A palavra dos mortais fala à medida que co-responde, no múltiplo sentido do termo"<sup>42</sup>. A capacidade comunicativa entre os seres-aí se constitui a partir do discurso (*Rede*) e do que ele mesmo pode falar. A fala do discurso (*Rede*), o conteúdo preenchido de sentido que vem à tona na discursividade do *Dasein*, estabelece correspondência à fala da linguagem, o que, de fato, pode ser

---

<sup>40</sup> M. Heidegger, **AL**. p. 12.

<sup>41</sup> Cf. M. Heidegger, **EV**.

<sup>42</sup> Id. p. 25.

dito a partir da dimensão da linguagem. Em complemento à reflexão acerca da linguagem enquanto uma possibilidade de desvelamento do Ser, a saga do *dizer* (*Sage*) é o que desvela o que pode ser dito e articulado com o pensamento. Neste sentido, a saga do *dizer* preserva a possibilidade originária do *logos* de desencobrir e de-monstrar determinados fenômenos. A linguagem transcende os limites de uma enunciação proposicional predicativa, tal como Heidegger apresenta no parágrafo 33 de *Ser e Tempo*<sup>43</sup>, e assume o caráter de estrutura ontológica do ser-aí que dá condições ao Ser de se fazer aparente.

A saga do dizer é mostrar. Em tudo que nos fala alguma coisa em, tudo que nos aclama, conclama e reclama, em tudo o que nos aguarda como o que não foi falado e também na fala que *nós* cumprimos, em tudo isso vigora o mostrar, que deixa aparecer toda vigência e que tira do brilho toda ausência. Em sua saga, o dizer não é, de forma alguma, uma expressão linguística acrescentada posteriormente ao que aparece. Ao contrário. Tanto o brilho do aparecer como a sombra do desaparecer repousam na saga mostrante do dizer. Ela libera toda vigência para o seu vigor e confirma tudo o que está ausente à sua ausência. Em sua saga o dizer perpassa e articula o livre da clareira, esse que busca um aparecer e deve abandonar o desaparecer, e no qual toda vigência e ausência deve se mostrar e dizer. A saga do dizer é a reunião articuladora de tudo que aparece ao mostrar múltiplo que, em toda parte, deixa o que se mostra repousar em si mesmo<sup>44</sup>.

Heidegger traz o termo *saga* para a investigação sobre a linguagem, pois não se trata apenas do que é dito ou de seu conteúdo. A *saga do dizer*, ou seja, o caminho para o que pode ser desvelado na linguagem, é o que contém a capacidade mostradora do que é dito. O caminho estabelecido pela linguagem articula os chamamentos do Ser ao existente humano no mesmo espaço onde esta relação se dá. “*O que é um caminho? Caminho é o que nos deixa alcançar. A saga do dizer é o que, sendo escutado, nos deixa alcançar a fala da linguagem*”<sup>45</sup>. Não se trata de uma localidade geográfica, mas de uma qualidade de disposição ao recebimento que o ser-

<sup>43</sup> Heidegger usa este parágrafo para introduzir suas reflexões acerca da linguagem, visto que coloca o modelo proposicional de entendimento da linguagem como um contraponto à sua proposta existencial.

<sup>44</sup> M. Heidegger, *O caminho para a Linguagem*. p. 206.

<sup>45</sup> Id. *Ibidem*. p. 205.

aí possui. A possibilidade de desvelamento do que é dito pelo Ser por meio da linguagem se dá na abertura que é possibilitada pela indeterminação característica do *Dasein*, a clareira (*Lichtung*)<sup>46</sup> da existência. A imagem de uma floresta trazida por Heidegger, ao fazer referência à abertura indeterminada do *Dasein* como clareira, diz respeito à possibilidade de florescimento e iluminação que há na existência. Em uma floresta, a copa das árvores bloqueia o sol e, portanto, toda luminosidade que faz ver o que há no solo do lugar. A clareira é o espaço onde o sol pode iluminar e fazer ver o que há por debaixo das árvores. Assim, também, o que deve ser dito pela linguagem vem à luz na clareira (*Lichtung*) e, nesta abertura fértil, o *Dasein* responde aos chamamentos do Ser e pode dizê-lo. Neste sentido, “a *saga mostrante do dizer*” é a possibilidade do processo de velamento e desvelamento onde o Ser chama o ser-aí ao seu contato por meio da linguagem. A apropriação dos fenômenos de-monstrados pela linguagem mostra, além daquilo que estava encoberto à compreensão do ser-aí, o próprio Ser como manifestação. Na clareira, tanto a linguagem quanto o Ser compartilham da possibilidade desse aparecimento, visto que a linguagem habita o Ser de modo equivalente ao *Dasein*, entranhando-se em suas convocatórias e vicissitudes. A condição de morada do ser-aí pode ser admitida como própria da linguagem, pois o Ser também divide esta habitação, possibilitando que a apropriação se dê enquanto acontecimento (*Ereignis*).

O acontecimento apropriador reúne a rasgadura da saga do dizer, desdobrando-a na articulação de um mostrar. O acontecimento apropriador é o mais imperceptível no imperceptível, o mais simples no simples, o mais próximo no próximo, o mais distante no distante, onde nós, mortais, sustentamos nossas vidas<sup>47</sup>.

Esse apropriar que se encontra ativo no mostrar da saga é o evento-apropriador (*Ereignis*) enquanto tal, o qual não pode ser representado como um acontecimento ôntico, nem esclarecido por referência a qualquer outra coisa que lhe fosse anterior; o evento apropriador só pode ser experimentado como o que consente (*das Gewährende*), como a doação que garante que algo seja (*Es gibt*). Portanto, é o evento-apropriador que concede aos mortais

---

<sup>46</sup> M. Heidegger, **CSH**.

<sup>47</sup> M. Heidegger. **CL**. p. 207.

que somos a morada em sua essência, capacitando-nos a ser os falantes que somos<sup>48</sup>.

Ao apresentar as características particulares do acontecimento apropriador, Heidegger expressa não somente qual a relação estabelecida entre os mortais e o *Ereignis*, mas seu papel na existência como um todo. Definido como o alicerce da existência, as propriedades que lhe são cabíveis mostram uma possibilidade de extrema intimidade entre o acontecimento apropriador e o *Dasein*. "O mais imperceptível no imperceptível" não diz respeito à impossibilidade de manifestação e, ainda, à incapacidade de mostrar-se perceptível ao existente. Ao contrário, é discreto, engendrado e já em relação com a própria existência que busca apropriações. Simples, e não simplório, não diz algo pobre de complexidade, mostra uma densidade estrutural que não depende de dificuldades intercorrentes para ser estabelecido como fundamental. A proximidade que o filósofo destaca não faz referência a distâncias físicas mensuráveis, que supostamente colocariam o ser-aí mais perto do acontecimento apropriador. Neste sentido, o *Ereignis* cerca a existência como uma possibilidade de manifestação da busca por apropriação que os mortais travam. A condição de proximidade do acontecimento apropriador somente pode ser entendida assim, por não se tratar de uma determinação e/ou certeza. A compreensão do *Ereignis* pelos mortais é, também, uma possibilidade que floresce da manifestação, ou não, deste fenômeno na clareira (*Lichtung*). O acontecimento apropriador possibilita que haja a apropriação da saga do dizer, pois os mortais o avizinham, tal qual uma cerca que contorna um espaço. Os limites impostos pela cerca são, na maior parte das vezes, apenas possibilidades ou questões, porque devido ao grande porte do terreno, não é possível dar-se conta de que existam ou ao menos que sejam percebidas em um dado momento. Do mesmo modo que os limites do terreno são constatados se percebidos a partir da experiência do ente que somos no contato com a cerca, a apropriação proporcionada pelo *Ereignis* somente é possível caso *Dasein* se proponha a recebê-la.

---

<sup>48</sup> A. Duarte. Op. cit. p. 148.

Aos mortais, o acontecimento apropriador confere uma morada em sua essência, para que eles possam ser os que falam. Compreendendo a lei como a reunião do que vigora a cada vez no seu próprio, que deixa pertencer o que se pertence, o acontecimento apropriador seria então a mais simples e suave de todas as leis, ainda mais suave do que a "lei suave", no sentido que lhe deu Adalbert Stifter. De certo, o acontecimento apropriador não é a lei, no sentido de uma norma, que paira sobre nós em algum lugar; não é nenhuma prescrição que regula um processo. O acontecimento apropriador é a lei porque reúne e mantém os mortais no apropriar de sua essência. Porque o mostrar da saga do dizer é um tornar próprio, também, o poder escutar, a saga do dizer, o pertencer à saga, depende do acontecimento apropriador<sup>49</sup>.

O *Ereignis* se apresenta como condição fundamental à apropriação do ser-aí em relação ao que diz a linguagem enquanto saga, pois proporciona a síntese entre as possibilidades manifestas como fenômenos que possui a linguagem e a conjuntura na qual ela se insere. A lei do acontecimento apropriador que Heidegger aborda é, justamente, o entrelaçamento das existências que buscam a apropriação e, a saga do dizer, enquanto linguagem, característica ontologicamente particular aos mortais, é uma das bases de compreensão ao ser-aí apropriado. O *Dasein* apropriado é levado a atingir a saga do dizer não apenas como uma manifestação do Ser por meio do *Ereignis*. Ainda, estar apropriado não é apenas dar-se conta da linguagem como um existencial que transcende o uso comunicativo de suas enunciações. A apropriação que reúne para o existente uma teia de significações que se estabelecem como compositoras de sentido ao mundo, à história, à verdade, ao outro e à própria abertura conduz o *Dasein* ao caminho para a linguagem que é, por sua vez, o aparecimento da compreensão muda da saga do dizer para ser organizado em fala.

Esse ser apropriado para, que caracteriza o homem como escuta da sagado dizer, distingue-se por entregar o vigor humano ao seu próprio, mas somente para que o homem, sendo aquele que fala, ou seja, que diz, possa condizer, e isso a partir do que lhe é próprio. [...] No ser e estar apropriado, o acontecimento apropriador deixa a saga do dizer alcançar a fala. O caminho para a linguagem pertence à saga do dizer, que se determina a partida do

---

<sup>49</sup> M. Heidegger, **CL**. p. 208

acontecimento apropriador. Nesse caminho, que pertence ao vigor da linguagem, abriga-se o próprio da linguagem. O caminho é apropriante<sup>50</sup>.

O caminho para a linguagem, para a apropriação da saga do dizer na forma da fala da linguagem, seja aquela que profere - que diz o que diz o Ser -, seja a fala a ser compreendida pelo existente, en-caminha os mortais à linguagem enquanto, também, uma possibilidade de apropriação existencial e historial. Esta apropriação não conduz o humano à linguagem, e, nem mesmo, ao Ser, ao contrário,

O en-caminhamento traz a linguagem (o vigor da linguagem) como linguagem (saga do dizer) para a linguagem (enquanto palavra verbalizada). Agora, o discurso sobre o caminho para a linguagem não significa mais somente o percurso de nosso pensamento que reflete sobre a linguagem. A caminho transformou-se o caminho para a linguagem. [...] Na verdade, o caminho para a linguagem já sempre está na única localidade, que é o vigor da linguagem. [...] Porque, na verdade, o vigor da linguagem, assumido como a saga mostrante do dizer, repousa no acontecimento apropriador, esse que concede com propriedade, para nós humanos, a serenidade para uma escuta livre, é o en-caminhameto da saga do dizer que nos abre a vereda ao longo da qual poderemos seguir pensando propriamente o caminho para a linguagem<sup>51</sup>.

A própria saga do dizer transita na plasticidade da linguagem, entendida ontologicamente, tornando possível que o en-caminhamento da apropriação através do caminho *da* linguagem conduza a fala da linguagem, aquilo que é dito, de fato, pela linguagem enquanto *Ereignis* e dependente dele também, à fala verbalizada do *Dasein*. A linguagem não emoldurada nas padronizações linguísticas de interpretação e/ou análises de discurso (*Rede*) preserva, enquanto possibilidade, a não-determinação necessária à saga do dizer para que seja conduzida, como condição apropriativa, à verbalização da linguagem. Heidegger não considera a linguagem verbalizada como sinônimo de comunicação, ao contrário, a capacidade de verbalização da linguagem não é mérito do ser-aí, mas uma manifestação do dizer em seu caminho apropriativo. "O próprio da linguagem repousa em provir do acontecimento apropriador, ou seja, em que a fala humana

---

<sup>50</sup> Id. *Ibidem*. p. 209.

<sup>51</sup> M. Heidegger, **CL**. p. 210.

*provém da saga do dizer*<sup>52</sup>. O repouso do essencial da linguagem, daquilo que proporciona a condição fundamental da humanidade do ser-aí, e também determinante das compreensões historiais da verdade a partir de um horizonte apropriador, concede ao *Dasein* sua fala. Ao repousar na condição de atrelamento ao *Ereignis*, o mais próprio da linguagem possibilita que a saga do dizer se configure em um modo apropriado de fala aos mortais. No repouso apropriativo, o Ser aparece enquanto fala humana, pois o que é dito não consiste, apenas, em mera comunicação, mas sim é o que apresenta ao *Dasein* sua morada. Justamente, o próprio da linguagem, sua interligação com o *Ereignis* como uma estrutura de mutualidade de realização, é que possibilita aos mortais a possibilidade de habitá-la. A casa do Ser é, também, a morada dos mortais, pois no dizer está a possibilidade do ser-aí se concretizar enquanto ouvinte e mensageiro do Ser. A linguagem é, enquanto dizer, a fala do Ser ao *Dasein* que, por sua vez, a compreende para poder, também, falá-la<sup>53</sup>.

Apropriando, mantendo, sustentando-se, o acontecimento apropriador é a relação de todas as relações. Por isso, enquanto resposta, *nosso* dizer permanece sempre um dizer da relação. A re-lação está sendo aqui pensada sempre a partir do acontecimento apropriador e não mais representada na forma de um mero relacionamento. Nossa relação com a linguagem determina-se pelo modo em que nós, enquanto os que são recomendados, pertencemos ao acontecimento apropriador<sup>54</sup>.

A condição do ser-aí promove que seu modo de ser primordial se estabeleça já em relação, desde o entrelaçamento com o mundo, ser-no-mundo, até a re-lação proposta por Heidegger ao considerar que o *Dasein* se apropria do acontecimento apropriador mutuamente. O *Ereignis* é a possibilidade de apropriação que o ser-aí possui em relação à própria relação com o Ser, que perpassa todas as dimensões ontológicas de sua existência, e, também, é possuidor do *Dasein* no que diz respeito à condição de possibilidade de mostrar-se de modo historial.

---

<sup>52</sup> Id. Ibidem. p. 213.

<sup>53</sup> Cf. M. Heidegger. *A caminho da Linguagem*.

<sup>54</sup> M. Heidegger, **CL**. p. 215.

Então, o filósofo propõe uma formulação para retratar o que seu pensamento sintetiza em relação à linguagem, enquanto saga do dizer e já em re-relação com o acontecimento apropriador.

A formulação: *trazer a linguagem como linguagem para a linguagem*, não contém mais apenas uma indicação para nós que pensamos sobre a linguagem. Ela diz a forma, a configuração da harmonia articuladora onde se em-caminha o vigor da linguagem, que repousa no acontecimento apropriador.<sup>55</sup>

O *Dasein* proporciona que a comunicação que há no mundo entre os seres-aí seja compreendida, existencialmente, como uma convocação do Ser que aparece no modo-de-ser da linguagem enquanto, também, uma abertura maleável do ponto de vista estrutural. Isto posto, a linguagem não mais entendida somente a partir de um horizonte existenciário comunicativo, solicita ao ser-aí que dê condições de manifestação, tal como uma dimensão ontológica, que não é característica e nem posse do homem. A linguagem, portanto, passa a ser entendida a partir de uma proposta processual, tanto de seu estabelecimento no convívio com os mortais, quanto como a possibilidade de apresentação do Ser, enquanto um deixar-ser. Chamada de "a saga da linguagem", o que há de essencial na linguagem é que este caminho pode dizer. O dito na linguagem em sua saga é, para Heidegger, o que, de fato, em-caminha o humano ao contato com Ser que, por sua vez, se manifesta como um chamado a partir do acontecimento apropriador. O Ser convoca o humano ao *Ereignis* para desvendar a história enquanto possibilidade de manifestação da verdade ao longo dos tempos<sup>56</sup>. Enquanto existente, o ser-aí não está no mundo e na história apenas como um colecionador de fatos, ao contrário, existir implica na qualidade historial de abertura ao mundo que o ser-aí possui. A linguagem, enquanto possibilidade de apropriação e, simultaneamente, também, um *Ereignis* é o que concede aos mortais o enlace necessário entre a existência (*Dasein*), o Ser (*Seyn*), a história (*Geschichte*) e a verdade (*Alethéia*). Nesta relação, o ser-aí fala a fala da linguagem, presente na saga do dizer que somente é possível enquanto condição

---

<sup>55</sup> Id. Ibidem. p. 210.

<sup>56</sup> Cf. M. Heidegger, *Sobre a essência da técnica*.

apropriativa, pois responde aos chamados do Ser nos fluxos da história. A saga do dizer é o que Heidegger entende, também, como a fala da linguagem; aquilo que a linguagem recebe, enquanto destinação do Ser, e envia aos mortais como mostraçãõ do Ser “*O homem fala à medida que corresponde à linguagem. A linguagem fala.*”<sup>57</sup>

## 2.2 Ser, poesia e linguagem

Heidegger apresenta a possibilidade de uma linguagem “livre”, desatada das obrigações e normatizações linguísticas e, até mesmo, do pensamento. Esta linguagem passa pela poesia. A poesia como modo de ser da linguagem no que diz respeito, ainda, à saga do dizer, se equipara à filosofia como desveladora da verdade a partir do que é dito. O caminho para a linguagem questionado por Heidegger perpassa a poesia, pois não se trata, apenas, da clarificação comunicativa e relacional que a linguagem promove ao *Dasein*. A linguagem en-caminha-se à liberação do Ser enquanto uma verdade que inaugura a compreensão do ser-aí aos seus chamados. Em complemento às afirmações de Heidegger sobre a possibilidade de manifestação da linguagem na clareira que é o *Dasein*, acrescenta-se que, na linguagem da poesia está a real possibilidade de encaminhar-se ao que a linguagem possui de mais originário em sua relação com o Ser, desvelada a partir do acontecimento apropriativo.

No que a linguagem nomeia o sendo<sup>58</sup> pela primeira vez, tal nomear traz então o sendo para a palavra e para a manifestação. Este nomear nomeia o sendo *para* seu ser e *a partir* deste. Tal narrar inaugural é um projetar do iluminar em que é anunciado como o sendo, no que ele é, advém ao aberto. Projetar é o livre delinear de um projeto, em que o desvelamento se configura como tal no sendo. O enunciar projetante se toma imediatamente a recusa de surda confusão na qual o sendo se oculta e

<sup>57</sup> M. Heidegger, **AL**. p. 26.

<sup>58</sup> O termo *sendo* utilizado nesta tradução diz respeito à palavra alemã *Seiende*, *ente*. A tradução francesa designa a palavra *étant* neste mesmo trecho que, por sua vez, é literalmente traduzida para o português como sendo. Neste trabalho, lê-se *ente* sempre que no original em alemão Heidegger escreveu *Seiende*. No entanto, nesta citação, será mantida a opção feita pelos tradutores Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro.

retrai. O narrar inaugural do que se projeta é *poiesis* [...]. A *poiesis* é a fala inaugural do desvelamento do sendo. A respectiva linguagem é o acontecimento daquele narrar inaugural no qual historicamente surge para um povo seu Mundo e a Terra se guarda como a fechada. [...] A *poiesis* é aqui pensada em um sentido tão amplo e, ao mesmo tempo, numa unidade essencial tão íntima com a linguagem e a palavra, que precisa ser deixada em aberto a questão se a arte, em verdade, em todos os seus modos, - da arquitetura até a poesia -, esgota a essência da *poiesis*<sup>59</sup>.

No idioma alemão existem duas palavras capazes de significar *poesia*. *Poesie* e *Dichtung* são de origens etimológicas, significados e sentidos distintos, mas fazem menção a aspectos fundamentais que compõem a noção heideggeriana da linguagem poética. Carregando significados que não são excludentes entre si, complementam-se na formulação do pensamento de Heidegger acerca da poesia enquanto uma possibilidade bastante específica de linguagem, e de destaque em sua filosofia.

1. *Poesie*, do grego *poiesis*, "o fazer, fabricação, produção, poesia, poema", que, por sua vez, vem de *poiein*, "fazer". Aristóteles distingue *poiesis*, "o fazer" - que essencialmente possui um produto final, um *poiema* - de *práxis*, "ação" - que não possui. [...] *Poesie* tem um sentido mais restrito do que *poiesis*, aplicando-se especialmente ao verso em contraste com a prosa. 2. *Dichtung*, de *dichten*, "inventar, escrever, compor versos", que, não obstante parecer germânico, provém do latim *dictare*, "dizer repetidamente, ditar, compor". [...] Aplica-se a qualquer escrita criativa, incluindo romances, não somente versos. Heidegger usa *Dichtung* e *dichten* em um "sentido amplo" e em um sentido mais restrito. No sentido amplo, *dichtung* significa "inventar, criar, projetar", sendo porém distinto de "invenção livre".<sup>60</sup>

O que Heidegger entende por poesia é a combinação da *poiesis* grega, elaboração com finalidade atribuída e direcionada a um produto final, com a repetição inventiva de uma criação. Esta última, não é necessariamente dotada de uma finalidade estabelecida. Trata-se da inventividade indeterminada presente no entendimento do termo *Dichtung*. O dizer "poético" ao qual o pensador se refere como intimamente conectado

<sup>59</sup> M. Heidegger, *A origem da obra de arte*. p. 187-189.

<sup>60</sup> M. Inwood. op cit. p. 144-145.

à linguagem, é o palco em que *Dasein* e o Ser se manifestam e deixam ver a função conectiva existente nesta relação. O que *Dichtung* diz de poesia corresponde ao modo de ser da linguagem que libera a verdade do que é dito enquanto desvelamento. O modo de ser de *Dichtung* como linguagem inaugura a compreensão do ser-aí das coisas, pois as nomeia pela primeira vez, o que contradiz um uso comunicativo da linguagem enquanto um instrumento. Apesar da nomeação das coisas tornar-se possível, também, pela perspectiva ôntica da linguagem, o caráter inaugural descrito por Heidegger neste contexto diz respeito à nomeação do mundo a partir do des-cobrimto do ser-aí, que significa e atribui o sentido às coisas. *Dichtung*, não estabelece o significado adotando como sua própria, a base e a determinação de algo dentro de uma conjuntura. Ao contrário, *Dichtung* pode nomear e inaugurar o mundo e as coisas compreendendo-os como intramundanos, pois a linguagem, por inventar-se a todo tempo, já é essencialmente *Dichtung*. *Poesie* e *Dichtung* se complementam no pensamento de Heidegger no que diz respeito à própria articulação da linguagem com ambos os modos de ser. Enquanto *Poesie* é uma das formas de destaque pela linguagem àquilo que já está descoberto, *Dichtung* mostra-se como a possibilidade inaugural do dizer. Esta última destaca a relação entre os mortais e o Ser a partir da possibilidade de deixar-ser que a poesia possui. A liberação do dizer poético de-monstra o que a linguagem possui de mais originário e, que de certo modo, já é apresentado em *Ser e Tempo*. A apresentação da fala (*Sprache*) e da linguagem expressa no discurso (*Rede*), como construtores de sentido aos diversos caminhos que o mundo apresenta ao existente, integra a reflexão de Heidegger sobre a linguagem no primeiro momento de sua filosofia, na mesma medida em que *Dichtung* possibilita que o Ser se mostre a partir da linguagem.

O pronunciamento presente na comunicação estabelecida a partir do discurso (*Rede*) diz respeito ao sentido e o todo de significação de um determinado enunciado. Para Heidegger o discurso poético é o que, de fato, pode-se chamar *discurso da linguagem*. O modo expressivo do falar ligado à poesia transmite, não somente significados e conexões semânticas, mas o que há de originário em determinado conteúdo mostrado. Pelo discurso poético as determinações e encapsulamentos frequentemente presentes em

um modo proposicional de comunicação não ocorrem. Isto é, este *modo de falar* estabelece a linguagem que confere a *Dasein* a possibilidade de integração do ser-com já em um mundo. “Ouvimo-nos uns aos outros ouvindo a poesia ou vice-versa, porque a linguagem, como imensa rede dialógica em que somos colhidos, é a caixa de ressonância de uma disposição de ânimo.”<sup>61</sup> O movimento da existência expresso pelo pronunciamento do discurso (*Rede*) faz com que a dimensão de coexistência do ser-aí seja desvelada, também, a partir de uma possibilidade de contato pautada na comunicação. A saga do dizer poético, apresentada por Heidegger como a união entre as dimensões do pensamento e a essência da linguagem, atua, também como aproximadora entre os co-seres-aí, no que diz respeito àquilo que se instala como uma dimensão compartilhada da existência frente à compreensão das convocatórias do Ser<sup>62</sup>. Neste desencobrimento proporcionado pela linguagem poética, o dizer (*Sagen*) deixa-ser o que o Ser solicita ao ente mortal. Na clareira (*Lichtung*) é onde a linguagem pode dizer o dizível e o pensável. Neste desencobrimento, o dizer (*Sagen*) deixa-ser o que o Ser solicita ao ente mortal. A clareira (*Lichtung*) é onde a linguagem pode dizer o que deve ser dito e pensado pelo *Dasein*.

Por isso, ficam sendo caminhos e modos próprios<sup>63</sup> de como a verdade se encaminha para a obra. Elas são sempre um dos modos próprios do poetizar dentro da clareira no sendo, que já desapercivelmente aconteceu na linguagem<sup>64</sup>.

O dizer poético transcende a possibilidade desveladora que o discurso (*Rede*) em *Ser e Tempo* promove, pois não somente se destina à compreensão de mundo ao ser-no-mundo. O que diz a poesia no dizer poético descobre, além do mundo enquanto manifestação fenomenal, a verdade do Ser aos mortais. No entanto, a verdade pela qual Heidegger se pergunta não mora no *Dasein* e, muito menos, na possibilidade poética de manifestação da linguagem. “Mas a palavra poética não delega a verdade

<sup>61</sup> B. Nunes, op cit., p. 114.

<sup>62</sup> Cf. M. Heidegger, *A linguagem na poesia*.

<sup>63</sup> Heidegger faz referência à *clareira* e a *linguagem* quando diz sobre os caminhos que levam a verdade à obra.

<sup>64</sup> M. Heidegger **OOA**. p. 191.

ao Dasein. *É ao próprio ser, oculto ou revelado através dela, que a verdade pertence. Se o Dasein está na verdade, ele o está como aquele que ocupa a abertura na direção da qual se move*<sup>65</sup>. A poesia proporciona, enquanto o que diz o dizer de uma saga da linguagem, condições para que a verdade (*Alethéia*) do Ser seja expressa na abertura da clareira que é o *Dasein*, historial e atrelado a um *Ereignis*.

Mas se, assim, a poesia e o que é poético é idêntico ao acontecer fundamental<sup>66</sup> do ser-aí histórico do Homem – inofensivo e terrível ao mesmo tempo – e se a poesia é um *dizer* – *é linguagem* – o que se passa, então, com a linguagem? [...] O dizer poético afigura-se como uma recitação que nós repetimos. Imediatamente da mesma maneira e ao mesmo nível a que temos uma conversação fortuita com o vizinho, acompanhamos a dicção e a audição do poema. E, mesmo assim, este dizer é, no fim de contas e no fundo, um dizer perfeitamente diferente<sup>67</sup>.

O que Heidegger enfoca ao abordar a linguagem do ponto de vista *poetizante do dizer* é a qualidade mais ampla e não restrita à pura comunicação que esta dimensão possui. Levar em consideração a capacidade mostradora da linguagem como aquilo que proporciona o desvelamento e, portanto, a possibilidade de contato com a verdade do Ser, expande a relação entre o ser-aí e a linguagem. O que diz a fala poética faz referência à transparência e fluidez da linguagem através da existência, atributo que promove aos mortais a possibilidade de acompanhar este dizer de modo atento, porém, não imerso em métricas e determinações semântico-significativas. O que diz a *saga do dizer* não é apenas a comunicação entre os entes mortais, mas sim a possibilidade de aparecimento do Ser já em relação com a existência, que, por sua vez, está inevitavelmente atrelada à perspectiva historial do *Dasein*. A dimensão historial dos mortais, neste caso, compreende a qualidade inaugural do dizer poético como o aberto que há no *Ereignis* que possibilita ao *Dasein* atrelar-se ao que aparece. *Dichtung*, neste caso, desvela ao homem o inédito que há no acontecimento apropriador, que por sua vez, lhe confere

<sup>65</sup> B. Nunes, op cit. p. 115.

<sup>66</sup> Expressão adotada pelo tradutor Numir Lahodil para designar o acontecimento apropriativo (*Ereignis*).

<sup>67</sup> M. Heidegger, **HH**. p. 46.

sua humanidade, a possibilidade de marcar-se no mundo, também, a partir da história.

Desvelamento é a realidade se dando como verdade no ser-humano, pelo qual ele respondendo e correspondendo a esse apelo de *poiesis/linguagem/logos* chega a ser o que é historicamente, isto é, no acontecer poético-apropriante (*Ereignis*). [...] *Dichtung* provém do verbo latino *dictare*, que por sua vez se forma do verbo *dare*. Essencialmente no *dare* está a doação, o presente, a oferta dos deuses aos homens e dos homens aos deuses. [...] Esta doação do sagrado apresenta duas facetas interligadas essencialmente: o doar como **ação de sentido**. O **sentido** é a **linguagem**. [...] Por isso *poiesis* diz aquele agir que doa sentido, ou seja, doa a voz que é a **linguagem**, porque nela o sagrado doando-se se diz.<sup>68</sup>

Ao estabelecer a relação entre o sentido e a linguagem, Heidegger questiona como o dizer poético pode des-encobrir esta mesma relação na clareira que é *Dasein*. Esta relação, pensada a partir das articulações da linguagem e seu dizer, reporta-se à dimensão fundante da possibilidade do contato estabelecido entre o existente e o Ser. Combinada ao pensamento, a linguagem confere condições ao *Dasein* de estabelecer relação com os chamamentos do Ser em busca do desvelamento de sua verdade<sup>69</sup>. Pensamento e linguagem são dimensões do ser-aí que já estão diretamente em contato com o Ser, liberando a verdade como aquilo que é desvelado pelo ente que deixa-ser. Heidegger discute que o *dizer* e o que é *dito* pela fala da linguagem é o que proporciona ao *Dasein* sua capacidade de desvelar e deixar-ser os chamados do Ser tais como se mostram<sup>70</sup>. Em complemento, Heidegger recorre mais uma vez aos significados etimológicos das palavras para atribuir à linguagem um caráter doador em relação ao contato – entre o ser-aí e Ser – que por ela é possível. A linguagem doa a possibilidade de compreensão do Ser ao homem, tal como um dom divino atribuído pelos deuses. Tanto a linguagem poética, como o que diz o poeta, são relacionados pelo pensador aos deuses e seu caráter criador e donativo ao mundo e aos homens. A linguagem (*Dichtung*) dá aos mortais a invenção do novo e a criação de um sentido.

<sup>68</sup> M. Heidegger, **OOA**. p. 236-238.

<sup>69</sup> Cf. M. Heidegger, *Carta sobre o Humanismo*.

<sup>70</sup> Cf. M. Heidegger, **EV**.

Heidegger apreciava Rilke, George, Trakl, Goethe, mas seu poeta favorito era Hölderlin, a quem atribuiu um papel crucial na recuperação do ser. Como Heidegger, Hölderlin dividia-se entre dois amores: a Grécia e seus deuses, a Alemanha e seu Deus. Hölderlin foi um poeta dos poetas, preocupado com a natureza da poesia e o lugar do poeta na ordem cósmica<sup>71</sup>.

O fascínio de Heidegger pela ligação de Hölderlin às divindades da antiguidade transcende a pura dedicação à sabedoria intelectual, atinge, de certo modo, o que o filósofo busca na pesquisa acerca do Ser ao longo de sua filosofia: o originário (*Ursprung*). Tal como Hölderlin faz o paralelo entre os deuses pagãos e o Deus da Alemanha, o do catolicismo, Heidegger considera este ponto uma contribuição ao entendimento da poesia na linguagem. Ainda, o pensador traça um paralelo entre a presença das divindades na cultura moderna da chamada *era da técnica*<sup>72</sup> e o dizer poético da linguagem, como a possibilidade de aparecimento do Ser. Desta forma, a poesia traz à linguagem um estatuto transcendente à facticidade dos mortais. Mostra-se determinante ao humano enquanto possibilidade de esclarecimento dos mistérios do Ser e, ao mesmo tempo, independente do *Dasein* para aparecer deste modo.

Graças à fundação pela poesia do ser na linguagem é que o homem pode, como Hölderlin, escutar os deuses, interpretando-lhes os signos, que integram a vida do povo. Por via de consequência, a poesia é força histórica formadora<sup>73</sup>.

Na linguagem do poeta (*Dichtung*), diz Heidegger, está a nomenclatura do sagrado<sup>74</sup>, a possibilidade de criação e abertura

---

<sup>71</sup> M. Inwood, op cit. p. 146.

<sup>72</sup> Heidegger destaca este ponto em suas reflexões sobre a linguagem na poesia, pois somente considera possível a mostragem do Ser na clareira (*Lichtung*) a partir de uma perspectiva histórico-epocal sustentada pelo acontecimento apropriador (*Ereignis*). A chamada "era da técnica" é compreendida como o grande *Ereignis* que o ser-aí atravessa. Se de um lado a técnica moderna zela pelo acúmulo descabido e desprovido de sentido, descaracterizando totalmente a relação entre o artesão e a obra, entre a coisa e seu intermediário, de outro a fala poética na linguagem moderna é a possibilidade de retorno às coisas pensáveis de fato, à inquietude frente às solicitações do Ser. Cf. M. Heidegger, **SET**.

<sup>73</sup> B. Nunes, op.cit. p. 113.

<sup>74</sup> Heidegger traz o *sagrado* para a discussão de uma possibilidade transcendente às questões fácteis, ou até mesmo existenciais. Não ligado a nenhum tipo de

compreensiva, tanto ao homem, quanto ao próprio acontecimento apropriador, que possibilita que a linguagem seja admitida como a morada do Ser.

Poesia e língua formam a história por onde transitam os signos dos deuses mediados pelos poetas – desse ponto de vista núncios sempre tardios, como teria sido Hölderlin para as divindades gregas já percidas e para o Deus cristão, morto, assassinado pelos homens, no mundo secularizado sob a ação do próprio cristianismo, como anunciaria o Zaratustra de Nietzsche. Os poetas nomeariam o sagrado<sup>75</sup>.

No entanto, a linguagem que é também a habitação do existente, ponto de confluência entre Ser (*Seyn*) e existência (*Dasein*) como uma totalidade, é a casa poética daqueles que compreendem o dizer poetizante como um acontecimento apropriador inaugural. *“Nem os deuses criam o homem, nem o homem inventa os deuses. A verdade do ser decide ‘sobre’ os dois, na medida em que vigora acima deles, mas acontece apropriativamente entre eles e, com isto, pela primeira vez ela mesma para o vir-ao-encontro”*.<sup>76</sup>

Talvez signifique, numa conversão poética do pensamento – paradoxal conversão por certo, em contraste com a diretriz calculadora, utilitarista da civilização técnica dominante da época – usufruir da terra como terra . E que é usufruir da terra como terra senão habitar a linguagem

---

perspectiva religiosa, o *sagrado* que a poesia (*Dichtung*) nomeia, é a forma mais originária de linguagem atingida pelo ser-aí. *“Origem significa aqui aquilo a partir do qual e pelo qual algo é aquilo que é e como é. Aquilo que algo é, como é, chamamos a sua essência [Wesen]. A origem de algo é a proveniência de sua essência”*. A proposta heideggeriana de relação entre o *sagrado* e a *poesia* diz respeito à originariedade de ambas as dimensões. Do mesmo modo que a linguagem da poesia é o modo primordial desta estrutura do *Dasein*, o *sagrado* se equipara no que diz respeito à profundidade de sua relação com os mortais. O *sagrado*, enquanto modo de ser possível ao ser-aí e/ou dimensão fundamental do existente, transcende os limites existenciais de manifestação, abrindo ao *Dasein*, tal como o dizer poético da linguagem, a possibilidade de contato com os mistérios da existência. São, Ser e *sagrado*, possibilidades de transcendência e relação do ser-aí distantes de seu pensamento, pois ao longo da história da filosofia deixaram de ser pensados como “deveriam”, de uma maneira também pertencente ao ser-aí, e não somente, uma postulação estanque em um significado já estabelecido. Cf. M. Heidegger, *A essência do nihilismo*.

<sup>75</sup> B. Nunes, op cit. p. 116.

<sup>76</sup> M. Heidegger, **Me.** p. 195.

como linguagem, que é o que permite ligar a terra ao céu pela palavra fundadora? “*Habitar poeticamente quer dizer: estar diante da presença dos deuses e ser atingido pela presença essencial das coisas*”<sup>77</sup>. Habitar poeticamente a terra não se extrapolaria nem para cima nem para baixo: é um ficar ético ou ontológico, no entre-dois, que são quatro (*die Vier*, a Quadrindade), entre o céu e a terra, entre os deuses e os homens, ou entre os mortais e os imortais, mas como uma força de cultivo, mais primitiva do que a cultura, misto do *colere* (amanho da terra, trato do solo) e do *aedificare* latinos, pelo qual o poético antecederia e ultrapassaria a literatura<sup>78</sup>.

A saga do dizer transcende, enquanto saga poética da linguagem, os limites da humanidade tornando-se imortal, pois o Ser enquanto manifestação da linguagem na história (*Geschichte*), é inerente à humanidade do *Dasein* e, ainda, supera os limites da linguagem como literatura e linguística.

Porém, a poesia é apenas um modo do projetar iluminante da verdade, isto é, do *poetizar*, neste sentido mais amplo. [...] Este nomear nomeia o sendo *para* seu ser e *a partir* deste. Tal narrar inaugural é um projetar do iluminar em que é anunciado como o sendo, no que ele é, advém do aberto. Projetar é o livre delinear de um projeto, em que o desvelamento se configura como tal no sendo. [...] A própria linguagem é *poiesis*<sup>79</sup> em sentido essencial. Mas porque a linguagem é aquele acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o humano, por isso é que a poesia, a *poiesis* em sentido mais restrito, a mais originária *poiesis* em sentido essencial. [...] Elas são sempre um modo do *poetizar* dentro da clareira do sendo, que já desapercivelmente aconteceu na linguagem<sup>80</sup>.

A compreensão de poesia em Heidegger supera os limites de uma linguagem proposicional enunciativa, pois diz o que fala a voz do Ser aos mortais por meio daquilo que não é apenas intelectivamente compreensível. Ao contrário, os chamamentos do Ser são, para Heidegger, indizíveis nos

<sup>77</sup>Citação utilizada por Benedito Nunes referente ao livro *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*, traduzido para o inglês como *Elucidations of Hölderlin's Poetry* por Keith Hoeller e publicado pela Humanity Books nos anos 2000. Até hoje não há tradução desta obra para o português.

<sup>78</sup> B. Nunes, op. cit. p. 117.

<sup>79</sup>*Poiesis* corresponde, na tradução utilizada nesta pesquisa, ao termo alemão *Dichtung*. “*Die Sprache selbst ist Dichtung im wesentlichen Sinne*”.

<sup>80</sup> M. Heidegger, **OOA**. p. 185-191.

moldes de uma linguagem não poética e/ou filosófica e pensáveis ao pensamento que se aproxima das questões importantes<sup>81</sup>. O filósofo aproxima a poesia e a filosofia no que diz respeito às dimensões compreensivas dos mortais em relação à pergunta pelo Ser e, principalmente, à suas manifestações. A linguagem poetizante possibilita ao ser-aí que entre em contato com o Ser por meio de um pensamento que transcende os limites da humanidade e responde àquilo que é digno de ser pensável. O poetizar confere aos mortais a chance de compreender a abertura característica do *Dasein* como o espaço que há entre a existência e o Ser, e, portanto, lugar de habitação da linguagem como a morada do Ser que já está em relação com o existente, habitando-o. A morada do Ser é a linguagem e, ao mesmo tempo, o próprio *Dasein*.

---

<sup>81</sup> Cf. M. Heidegger, **DP**.

### 3 Da escuta e do silêncio: a compreensão do Ser

#### 3.1 A escuta como o lugar de apreensão do Ser

No primeiro momento de sua filosofia, Heidegger estabelece em *Ser e Tempo* a linguagem como um existencial do ser-aí, e propõe pensá-la a partir de suas possibilidades de manifestação. Do mesmo modo que o *discurso* (*Rede*) e a *fala* (*Sprache*) são pontos fundamentais ao seu entendimento e modo de ser comunicativo, seus complementos são igualmente destacados. Heidegger compreende que o *Dasein* se comunica ao falar pelo discurso, desvelando assim o mundo que habita e os outros com os quais convive. O filósofo trata a relação entre o discurso e a fala em atrelamento indispensável àquilo que, conforme seu pensamento oferece-lhes condições. *Escuta* (*hören*) e *silêncio* (*Schweigen*) são constitutivos da linguagem enquanto dimensão que desvela sentidos e significados do mundo a partir da fala e do discurso. Escutar e apreender o silêncio, também como modos de ser da linguagem, encaminham o *Dasein* à concretização do discurso e da fala tal como Heidegger os apresenta<sup>82</sup>. “Escutar é constitutivo ao discurso. Do mesmo modo que a expressão linguística é baseada no discurso, a percepção acústica na escuta. Escutar algo é o modo existencial de *Dasein* estar-aberto ao ser-com-os-outros”<sup>83</sup>.

A articulação necessária entre a escuta e o discurso se apresenta como a manifestação de recebimento do mundo pelo ser-aí. Na abertura que é o *Dasein*, escutar é uma das possibilidades de construção de sentido e significado que o ser-no-mundo admite e, conseqüentemente, desvela a partir da linguagem como discurso. A compreensibilidade articulada, no que diz respeito ao discurso, somente é possível a partir da escuta do ser-aí que, por conseqüência, somente compreende por ser aberto ao recebimento das convocações do mundo e dos outros.

---

<sup>82</sup> Cf. Cap. 2-2.1.

<sup>83</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 206.

*Dasein* escuta porque compreende. Como um ser-no-mundo-com-os-outros, um ser que compreende, *Dasein* é “escravo” de sua capacidade de ser-com e a isso pertence, a essa escravidão, é pertencente. Ser-com desenvolve-se no ouvir um ao outro [*Aufeinander-hören*] e pode ser manifestado de diversos modos: seguindo, acompanhando, e nos modos particulares de não ouvir, resistir, desafiar e fazer frente a<sup>84</sup>.

Com base no contato compreensivo que é promovido pela escuta, desenvolvida e aprimorada no trato do convívio do ser-com, *ouvir* se torna algo possível ao ente que somos. No entanto, o que Heidegger entende por *ouvir* se distancia de qualquer significado corriqueiro que a palavra admite. Ainda, *ouvir* e *escutar* não constituem sinônimos imediatos, e/ou estabelecem uma relação de condição de possibilidade mútua. Ainda, é importante ressaltar o que Heidegger estabelece como *escuta* (*hören*). A escolha deste termo se dá a partir de sua origem etimológica. *Hören* significa ouvir, prestar atenção, notar. Nas adaptações ao idioma alemão corrente, *hören* significa ouvir algo de e/ou sobre, atender ou prestar atenção. *Hören* designa uma atitude auditiva do humano ligada à compreensão daquilo que está desvelado, e não somente seu entendimento sonoro<sup>85</sup>.

Para o autor, receber vibrações sonoras e cerebralmente transformá-las em ondas acústicas não clarifica o sentido de escutar. Ao contrário, impõe limites às explicações rasas e imediatistas estabelecidas pela tradição metafísica e interpretativa da psicologia, que se distanciou da compreensão destes fenômenos como manifestações articuladas de mundo<sup>86</sup>. Receber o mundo a partir da resposta às suas solicitações é, para o ser-aí, a possibilidade de escutar de modo originário. Acolher o mundo deste modo não se limita ao simples ato de responder às estimulações do meio ambiente ao sistema auditivo. Perceber um som é o primeiro passo para uma escuta compreensiva sobre as manifestações do mundo para seu recebimento como uma totalidade significativa. Por exemplo, ouve-se um

---

<sup>84</sup> Id. p. 206-207.

<sup>85</sup> M. Inwood, op. cit. p. 136.

<sup>86</sup> “*Ouvir é fenomenalmente ainda mais primordial do que aquilo que é definido ‘em primeira instância’ como “ouvir” para a psicologia; como a discriminação de tons e percepção de sons*” M. Heidegger, **BT**. p. 207.

trovão em uma noite chuvosa, e não uma frequência sonora desprendida de mundo. A partir dessa percepção, o ser-aí pode compreender a conjuntura da tempestade que o cerca escutando-a como um chamado do mundo. *"Dasein, como essencialmente compreensivo, já é próximo àquilo que compreende."*<sup>87</sup>

Alguém que não está ouvindo no sentido genuíno (assim como quando falamos de uma pessoa, 'Ele não ouve' – o que não significa que seja surdo) pode escutar (*hórchen*) muito bem, e por esta mesma razão, não ouvir, já que o mero escutar é uma modificação privativa definida do ouvir e compreender<sup>88</sup>.

A proximidade descrita por Heidegger implica na impossibilidade de separação da unidade ser-no-mundo. Portanto, a compreensão de mundo pela escuta dos chamados silenciosos desta totalidade é primordial ao ente homem. A familiaridade com que o ser-aí habita o mundo proporciona a possibilidade de escuta, mesmo daquilo que não promove sonoridade, mas convoca à compreensão da totalidade do ek-sistir.

A relação estabelecida entre o ser-aí e o mundo, pautada no convívio entre co-seres-aí, promove a escuta de modo independente da audição sensorial. Isso é justamente possível porque os chamados do Ser se manifestam na abertura que é o *Dasein*, o que não carece da percepção auditiva. Conforme Nunes,

Escuta-se antes de ouvir, silencia-se indo contra a corrente da fala. Escutar é uma forma de perceber compreendendo. Quem é surdo, pode escutar sem ouvir. E quem ouve verdadeiramente, não escuta sons esparsos, sem conexão; percebe o ruído pesado da chuva, o prolongado ciclo do vento, etc. Perceber dessa maneira é compreender, como se compreende o outro escutando-o e como escuta ou ausculta com as mãos, apalpando, aquele que nada vê. Mais do que a minha fala, a escuta de quem me ouve assinala a ocorrência da compreensão. Pode também assinalá-lo o meu silêncio, quando interrompo ou deixo em suspenso o meu discurso para aquele que me ouve<sup>89</sup>.

<sup>87</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 207.

<sup>88</sup> M. Heidegger, *History of the Concept of Time: Prolegomena*. p.368.

<sup>89</sup> B. Nunes, op cit. p. 109.

Ao discutir a escuta, Heidegger não estabelece necessidade de comunicação explicitamente verbal pelo outro. A linguagem entendida a partir do recebimento e compreensão dos fenômenos que convocam o *Dasein* desvela a conjuntura necessária ao aparecimento do discurso. Em complemento, a escuta é, de fato, o que proporciona a manifestação do discurso enquanto aquilo que constrói a compreensão de sentido necessária ao ser-aí. Pela escuta, a incompreensibilidade do desconhecido se torna uma possibilidade de articulação de sentido que, por sua vez, é desencoberto na fala do discurso. Para o *Dasein*, expressar-se é possível, pois a compreensão já está na escuta.

Mesmo em casos onde o discurso é incompreensível ou em linguagem estranha, o que escutamos são palavras incompreensíveis, e não uma multiplicidade de tonalidades sonoras [...] E a compreensão não se origina de falar muitos discursos nem mesmo de ouvir muitas coisas (*vieles Reden*) "por aí". Somente aquele que já compreendeu pode escutar (*zuhören*)<sup>90</sup>.

Ainda, *discurso* e *escuta* somente se concretizam enquanto existenciais a partir da compreensão e, portanto, a linguagem do ser-aí é baseada na possibilidade compreensiva que caracteriza este ente. "Escuta e silêncio são possibilidades pertencentes ao discurso. Somente por esses fenômenos é que o discurso se torna totalmente claro."<sup>91</sup> A primeira fase do pensamento de Heidegger contextualiza a escuta como a possibilidade de acolhimento do ente particular. Escutando, o existente abre a existência para a compreensão a partir da linguagem e, conseqüentemente, promove a abertura acolhedora que compreende o outro como igualmente ser-aí.

É na escuta em sentido próprio, que pressupõe o silêncio atencioso, que o ser-aí se manifesta como genuinamente aberto a seu ser mais próprio, bem como se abre de maneira mais própria ao outro, compreendendo-o não como um ente meramente presente, mas enquanto o outro ser-aí que ele é<sup>92</sup>.

Ao admitir a mudança de rumo e estabelecer a *vira-volta* como segunda fase de seu pensamento, Heidegger não descarta a concepção

---

<sup>90</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 207-208.

<sup>91</sup> Id. p. 204.

<sup>92</sup> A. Duarte, op cit. p. 140-141.

apresentada em *Ser e Tempo*. Ao contrário, considera-a como um gatilho para o entendimento da escuta, ainda, como uma possibilidade compreensiva da linguagem. No entanto, os limites da escuta transcendem a comunicação do ser-com. Levando-se em consideração o que o filósofo apresenta acerca do dizer (*Sagen*), e seus desdobramentos no discurso poético (*Dichtung*), a escuta é parte da interação entre a linguagem, os mortais e as convocatórias do Ser. Os mortais escutam, acima de qualquer tipo de vínculo existencial, o próprio Ser enquanto morada, seja do *Dasein* ou da linguagem. A escuta compreensiva desenvolvida pelo ser-aí reside na busca por apropriação, existencial e/ou historial – uma vez que a atitude de abertura do *Dasein* é parte fundamental da composição da história- e admite que os chamados do Ser sejam atendidos tal como uma convivência entre seres-aí.

Caso o homem encontre, alguma vez, o caminho para a proximidade do ser, então deve antes aprender a existir no inefável. Terá que reconhecer, de maneira igual, tanto a sedução pela opinião pública, quanto a impotência do que é privado. Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser<sup>93</sup>, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo que restar a dizer. Somente assim será devolvida à palavra o valor de sua essência e o homem será agraciado com a devolução da casa para habitar na verdade do ser<sup>94</sup>.

O que Heidegger apresenta no trecho em destaque, diz da possibilidade de compreensão do Ser e suas convocações como a habitação do ser-aí. Esta compreensibilidade somente se faz possível a partir da escuta que o existente exerce em relação ao mundo. Ainda, os mortais compreendem o mundo, também, a partir da voz do Ser que os chama a existir e, não exclusivamente, pelas relações estabelecidas no ser-no-mundo-com. Na perspectiva compartilhada de um mundo onde o *Dasein* habita, a procura por apropriação transcende os limites da existência e proporciona ao ser-aí o encontro com o acontecimento apropriador. A linguagem se mostra fundante nesta relação, pois a partir da escuta a estas

---

<sup>93</sup> Neste trecho o termo *ser* diz respeito a *Seyn*, que na presente dissertação é grafado Ser. Foi preservada a grafia transcrita com o intuito de manter fidelidade à tradução utilizada.

<sup>94</sup> M. Heidegger, **CSH**. p. 6.

convocatórias o existente compreende o Ser como uma dimensão originária que confere condições compreensivas à existência e ao ser-no-mundo e, portanto, torna possível o pensar. Na poesia (*Dichtung*), a originariedade do dizer, possibilidade do Ser se mostrar aos mortais pela linguagem, aparece e pode ser compreendida, pois, de modo tão originário quanto a escuta é estabelecida de antemão ao Ser.

Na *vira-volta*, Heidegger amplia a possibilidade da linguagem se manifestar enquanto escuta, pois relaciona esta dimensão com as perspectivas que orientam sua filosofia neste período. Na investigação sobre a história da verdade do Ser, a escuta atua, também, como uma manifestação do Ser que perpassa o *Dasein*. Sendo o ser-aí um ek-sistente a história pode ser considerada sua habitação em face de sua atuação de co-existência. Se de um lado o ser-aí existe como tal a partir de uma dimensão historial de sua relação com o Ser, de outro, a compreensão do Ser enquanto atuante na história como o acontecimento apropriador vigora a partir do pensar do *Dasein*. O Ser, do ponto de vista historial (histórico), se manifesta como convocatória e envio ao *Dasein* que o acolhe e possibilita que apareça enquanto linguagem. O conceito *envio* é articulado a partir de duas terminologias alemãs que designam atitudes individuais e/ou fatos acontecidos ao longo da história (*Historie*). No entanto, *envio* (*Schicksal/Geschick*) é entendido também como uma atitude do Ser frente à história (*Geschichte*), naquilo que faz referência às possibilidades de manifestação que o Ser exerce a partir dos mortais. O *envio* se compõe, conceitual e terminologicamente, com o *destino*, outro conceito fundamental na discussão das manifestações do Ser na história. O Ser se *envia* aos mortais, pois eles se *destinam* à sua compreensão enquanto possibilidade apropriativa a partir do *Ereignis*. A relação entre *envio* e *destino* é de complementariedade, uma vez que somente é possível que uma destinação se cumpra a partir de um envio que a solicite.

Portanto, *Dasein* e o Ser se relacionam a partir da noção de que, de um lado há a solicitação para uma compreensão, e do outro esta compreensão é o rumo que encaminha o ser-aí à apropriação. Sobre a história (*Geschichte*), Heidegger diz, "é não meramente o objeto da *Historie*, nem apenas o desempenho da atividade humana. A atividade

*torna-se histórica primeiramente como atividade de envio.*<sup>95</sup>” A história (*Geschichte*) atravessa a existência e aparece como chamamento do Ser pela linguagem que desvela aquilo que de originário há, enquanto possibilidade apropriativa no *Ereignis*.

A escuta, como modo-de-ser da linguagem, atua como uma faceta compreensiva em relação ao que o Ser envia, a saber, a liberação da verdade (*alethéia*) na clareira (*Dichtung*) que é o ser-aí. Escutando aos outros, a si mesmo e a voz do Ser que chama os mortais à existência e à história, a linguagem aparece como o possível contato que o ser-aí estabelece com o acontecimento apropriador. Esta aproximação pode se dar com a linguagem que abre ao *Dasein* o entendimento e a significação das coisas, do mundo e dos outros. Não é somente a partir da significação que o ser-aí refina sua busca por apropriação, o desvelamento do sentido enquanto verdade da história e/ou do próprio Ser que se mostra no *Ereignis* é parte fundamental do papel da linguagem na interação entre os mortais e a história.

[...] O ouvir, isto é, a percepção acústica, está fundado no escutar silencioso e em sua compreensão, e cabe recordar que somente quem se cala pode escutar tanto a si quanto ao outro, bem como ao chamado silencioso do ser em seus envios epocais<sup>96</sup>.

Se a pergunta de Heidegger na *vira-volta* é pela *história da verdade do Ser*, a ligação da linguagem com o desvelamento da verdade é um modo de deixar-ser-o-Ser. A ideia designada na expressão *deixar-ser-o-Ser* deriva do alemão *Das Seyn-lassen*, composição de termos que concede ao Ser a capacidade de se manifestar como tal, livre e liberto de significações predispostas pela história (*Historie*); deixa livre a possibilidade de desvelamento da verdade do Ser enquanto uma totalidade possível de compreensão do ser aí. A partir da liberação implícita no conceito de deixar-ser-o-Ser, outro termo advindo da mesma palavra alemã, *lassen*, vem fazer parte do pensamento heideggeriano, no que diz respeito à atitude do ser-aí frente aos velamentos e desvelamentos do Ser. Trata-se da expressão

---

<sup>95</sup> Cf. M. Heidegger, **QT**

<sup>96</sup> A. Duarte, op cit. p. 137.

*Gelassenheit*<sup>97</sup>, traduzido para o português como *serenidade*, corresponde ao modo de liberação dos entes e do próprio ser-aí na era da técnica. Assim, *Gelassenheit* é associado ao pensamento do filósofo ao tratar as bases das relações do *Dasein* transcendentemente à existência. Heidegger diz que a serenidade é um tipo de antídoto para a mecanização banalizada dos entes e dos mortais, em relação à capacidade de pensar e viver na linguagem originária. A serenidade, como modo-de-ser do ser-aí em relação ao Ser que se manifesta na existência, possibilita também que o Ser não seja compreendido de modo equivocado. Isto é, ao longo da história do pensamento, o Ser foi esquecido em função da tradição metafísica que imperou nesta investigação. O esquecimento do Ser<sup>98</sup> é, para Heidegger, um desvio da filosofia no estudo do Ser, que passou a compreendê-lo de forma entificada e, portanto, veio a descaracterizá-lo no seu modo mais originário de ser. *Gelassenheit* é, para o filósofo, ainda uma possibilidade de resposta aos chamados silenciosos do Ser, os quais se apresentam como *Ereignis* e, em complemento, uma chance da verdade (*alethéia*) ser des-encoberta. Heidegger admite *Gelassenheit* de modo bastante importante na segunda fase de seu pensamento, pois, por se tratar de um modo-de-ser do *Dasein* em relação ao Ser que o convoca, abraça diretamente a história.

A escuta, nesta conjuntura, está para a linguagem do mesmo modo que a clareira se relaciona com o *Dasein*: ambas configuram-se como aberturas que tornam possível o desvelamento de algo. Respectivamente, o des-encobrimento de um chamado manifesto no *Ereignis* somente é compreendido e apropriado se o ser-aí escuta o Ser enquanto voz que o convoca. Escutar a linguagem representada pelas convocatórias do Ser é possível para o *Dasein*, porquanto *Dasein* é essencialmente uma abertura. Os mortais respondem ao que escutam dos chamamentos do Ser no decorrer da existência, do mesmo modo, a partir da fala. A saga do dizer, bem como a linguagem poética, deixa-se perceber para o *Dasein* que, para falar, também e conseqüentemente, tem necessidade de escutar. Escutar

---

<sup>97</sup> Cabe ressaltar que o conceito *Gelassenheit* tem importância e profundidade ímpares no todo do pensamento heideggeriano. No entanto, esta dissertação somente utiliza esse conceito como articulação à compreensão da linguagem ainda que, na seção de *Retomada e reflexões finais*, venha a ser considerado de modo mais atento.

<sup>98</sup> Cf. M. Heidegger, **QT**.

pressupõe algum tipo de manifestação a ser apreendida e decifrada. Heidegger propõe que a dimensão da escuta, de modo geral, se relacione à conjuntura do *Dasein* apresentada na *vira-volta*. Isto não quer dizer que a linguagem venha a ser reduzida a tal dimensão, mas, ao contrário, que todas as possibilidades de aparecimento da linguagem são correlacionadas à compreensão da verdade (*Alethéia*). Escutar é poder dizer o que diz a linguagem. Ou seja, não é consequência ou e, tampouco, oposição à capacidade de falar. Nas obras tardias em que Heidegger pensa a linguagem, a escuta não é somente de um outro existente, ou de um barulho, ou até de um latido de cachorro, mas escuta-se, de início e de modo fundante a linguagem como um todo, a própria linguagem.

Mas falar é ao mesmo tempo escutar. É habito contrapor a fala e a escuta: um fala e o outro escuta. Mas a escuta não apenas acompanha e envolve a fala que tem lugar na conversa. A simultaneidade de fala e escuta diz muito mais. Fala é, por si mesmo, escutar. Fala é escutar a linguagem que falamos. O falar não é ao mesmo tempo mas *antes* uma escuta. Essa escuta da linguagem precede da maneira mais insuspeitada todas as demais escutas possíveis. Não falamos simplesmente a linguagem. Falamos *a partir* da linguagem. Isso só nos é possível porque já sempre pertencemos à linguagem. O que é que nela escutamos? Escutamos a fala da linguagem. [...] Se, enquanto escuta da linguagem, a fala deixa a saga do dizer vir à fala, então esse deixar só pode se dar à medida e quando a nossa própria essência se abandona à saga do dizer. Só escutamos a saga do dizer porque a ela pertencemos. Em sua saga, o dizer só pode garantir a escuta da linguagem e a fala àquele que lhe pertence. Na saga do dizer, garante-se essa propriação. Essa propriação nos deixa alcançar a capacidade de falar. O vigor da linguagem repousa na saga assim garantida<sup>99</sup>.

Justamente pela conexão entre escuta e linguagem enfatizada por Heidegger, escutar abarca, igualmente, as demais dimensões da linguagem já apresentadas em *Ser e Tempo*. Escutar a fala da linguagem é abrir caminho para que o chamado da linguagem ao *Dasein* possa vir à tona como possibilidade de entendimento do mundo, também como uma habitação do próprio Ser que sustenta a existência.

---

<sup>99</sup> M. Heidegger, **CL**. p. 203-204.

Evocar no sentido originário de deixar vir a intimidade<sup>100</sup> de mundo e coisa é propriamente chamar. Esse chamado é a essência do falar. [...] É o falar da linguagem. A linguagem fala. A linguagem fala deixando vir o chamado coisa-mundo e mundo-coisa, no entre da di-ferença<sup>101</sup>. [...] O chamado da linguagem recomenda e entrega o que nela é chamado para o chamado da di-ferença. [...] A di-ferença deixa o fazer-se coisa das coisas repousar no fazer-se mundo do mundo. A di-ferença des-apropria a coisa para entregá-la ao repouso da quadratura [...] É ela que libera as coisas para o seu próprio: resguardar o mundo. Guardar no repouso é aquietar. A di-ferença aquietada no mundo a coisa como coisa<sup>102</sup>.

No pensamento tardio de Heidegger, a linguagem aparece de modo mais integrado do que foi apresentada em *Ser e Tempo* porque consignada pelo filósofo como uma determinante na clarificação da verdade do Ser. Heidegger apresenta a linguagem como uma dimensão que permite interligar o que Heidegger denomina “quadratura” e a compreensão do *Dasein*. Ao contextualizar quadratura, Heidegger particulariza o *Dasein* em relação aos demais entes mundanos, pois faz sobressair a sua capacidade de fundar raízes, habitar *em* alguma conjuntura. O ser-aí habita a quadratura: dimensões que se entrecruzam na conjuntura existencial dos mortais e são perpassadas pelo Ser enquanto tal e não somente o mundo e/ou um local privado como sua moradia, Céu, Terra, Divino e Mortal formam um todo, a quadratura, conjunto de partes distintas onde o ser-aí se enraíza. De fato, *Dasein* não habita um ponto em particular, mas o que está *entre* eles. O *entre* tratado por Heidegger, denominação de lugar ou

---

<sup>100</sup> O conceito de *intimidade* tem participações fundamentais no pensamento heideggeriano concernente à *vira-volta*. No entanto, não será desenvolvido neste trabalho, por não se tratar de uma articulação indispensável ao entendimento da linguagem, dentro dos limites de nossa proposta.

<sup>101</sup> O conceito de *di-ferença*, embora importante no pensamento heideggeriano, não tem articulação fundamental com o tema específico deste trabalho. Conceito complexo, não será aqui explorado. Contudo, escolhemos apenas um recorte explicativo fornecido pelo próprio Heidegger, a fim de creditar alguma atenção a esta ideia: “A *di-ferença* não é distinção nem relação. A *di-ferença* é no máximo dimensão para mundo e coisa. Sendo assim, “dimensão” também não mais significa um âmbito simplesmente dado em si mesmo, onde isso e aquilo se estabelecem. Medindo o que lhes é próprio, a *di-ferença* é a dimensão. É essa medida que entreabre mundo e coisa em seu ser em relação ao outro na separação de um e de outro. Entreabrir é assim o modo em que a *di-ferença* mede um e outro. [...] A *di-ferença* é propriamente o que, num chamado, se chama quando coisa e mundo são evocados”. M. Heidegger, **AL**. p.20.

<sup>102</sup> M. Heidegger, **AL**. p. 22.

espaço intermediário que sobreveio à preposição *zwischen*, é entendida como “no meio de duas coisas”. Em *Ser e Tempo* Heidegger apresenta esta ideia para destacar o *Dasein* dos demais entes intramundanos. No ser-no-mundo, o ser-aí não é nem mesmo o próprio mundo e muito menos um sujeito que o habita. A existência do ente que somos é o que está *entre*, no meio destes dois pontos. Nem mesmo um ente puramente comum, nem uma determinação *a priori* de mundo.

[...] O ser de *Dasein* é precisamente o ‘entre’ sujeito e mundo. Este ‘entre’, que certamente não surge de um sujeito que se reúne com um mundo, é o próprio *Dasein*, mas de novo não como uma propriedade de um sujeito! Por esta razão, não é estritamente correto conceber *Dasein* como ‘entre’, já que falar de um ‘entre’ sujeito e mundo sempre já pressupõe que dois entes são dados e entre eles deve reinar uma relação<sup>103</sup>.

Mais tarde, na *vira-volta*, Heidegger trabalha o *entre* como a habitação da essência dos mortais; como aquilo que faz a ligação entre deuses e homens. Novamente, a conexão entre dois polos é estabelecida pelo filósofo na intenção de priorizar o *Dasein* como a possibilidade integradora entre o Ser e a existência. Homens e deuses são essencializados pelo Ser, portanto, “[...] Ser é concebido como o entre no qual os deuses são coagidos de um modo tal que ele é uma necessidade para o homem, então os deuses e o homem não podem ser considerados como ‘dados’, ‘seres-simplesmente-dados’<sup>104</sup> [...]”. Então, no tema da linguagem, a partir da poesia, a habitação do entre pode ser des-velada na clareira (*Lichtung*), e a escuta deste dizer poético também significa dar possibilidade de aparecimento ao silêncio (*Schweigen*), pois nele o Ser pode habitar, mostrando-se aos mortais enquanto passível de compreensão.

<sup>103</sup> M. Heidegger, **HCTP**. p.346.

<sup>104</sup> M. Heidegger, *Contributions to Philosophy*. p. 476.

### 3.2 O silêncio como possibilidade da linguagem

Do mesmo modo que o filósofo interroga sobre a escuta em *Ser e Tempo*, o *silêncio* é abordado como uma das possibilidades de compreensibilidade do discurso. O *silêncio* interage com a compreensão de modo a trazer à tona o refinamento do que pode ser entendido no discurso enquanto expressão do ser-aí-com. Como uma pausa entre notas musicais de uma melodia, o silenciar do *Dasein* proporciona condições às articulações solicitadas pelo discurso. Tal como Heidegger apresenta a escuta – aquilo que configura a sonoridade do discurso em frases desconhecidas, e não ondas sonoras incompreensíveis - o silêncio faz com que o ser-aí se dê à compreensão da linguagem. O silêncio diz respeito à abertura compreensiva clarificada no recebimento das convocações do ser-no-mundo-com pela escuta.

*Silenciar*<sup>105</sup> é outra possibilidade essencial do discurso, e pertence à mesma fundação existencial. No falar um com o outro, a pessoa que silencia pode “fazer-se entender” (isto é, pode desenvolver uma compreensão), e pode fazer isso de modo mais autêntico do que a pessoa que nunca cessa suas palavras. Falar em excesso [*Viel-sprechen*<sup>106</sup>] sobre algo não oferece a óbvia garantia de uma compreensão maior sobre esse algo. Ao contrário, falar extensamente sobre algo encobre o falado e o apresenta na incompreensibilidade de sua trivialidade<sup>107</sup>.

É no silêncio que reside a possibilidade real da comunicação compreensiva entre um e outro no âmbito do ser-no-mundo, pois manter-se silencioso não é emudecer frente ao mundo, mas dar-lhe condições de

<sup>105</sup> Na tradução inglesa utilizada, *Keeping silent*. Traduzindo literalmente para o português significa *mantendo o silêncio* ou *mantendo-se silencioso*. No original alemão, *Verschweigen* quer dizer *manter-se em silêncio sobre algo*. Cf. M. Heidegger, **SZ**.

<sup>106</sup> A expressão *Viel-sprechen* pode ser traduzida como *muita conversa*. Heidegger não utiliza este termo para contabilizar os contatos entre co-seres-aí, mas dialoga com a expressão corriqueira de *muita conversa* como algo de credibilidade, inteligibilidade e compreensão duvidosas devido à pobreza de propriedade dos envolvidos. Portanto, em analogia à linguagem coloquial do idioma português, o que cabe é a expressão “*fala, fala e não diz nada*”. Falar em grande quantidade, neste caso, não é garantia de compreensão sobre o que é falado, ao contrário. Cf. M. Heidegger, **SZ**.

<sup>107</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 208.

recebimento. “O silêncio é um dos modos de ser da fala e enquanto tal ele é um modo definido de expressar-se sobre algo para os outros”<sup>108</sup>. Calar-se como o mudo, ou aquele que pouco fala, não representa ao ser-aí a capacidade de silenciar. “Quem não diz nunca nada não pode silenciar num dado momento.”<sup>109</sup>. Silenciar é o que dá condições ao existente para preparar seu discurso como não apenas uma ferramenta de contato comunicativo, mas como a base da linguagem que “liga os pontos” da existência possibilitando sua compreensão. O discurso do ser-aí, dimensão que pode de-monstrar o originário que a linguagem desvela, atua em correspondência com o silêncio. Neste contexto, silenciar é o que possibilita ao ente que somos escutar a *voz que clama*<sup>110</sup> a ponto de compreendê-la como uma possibilidade de validação e entendimento próprio de sua existência em particular.

É a compreensão originada da apropriação de si mesmo na escuta ao chamado silencioso da consciência que abafa o ruído incessante do falatório dispersivo e infundado em que estamos imersos cotidianamente, garantindo, assim, que o ser-aí possa escutar e dizer algo a si e ao outro a partir “de uma abertura própria e rica de si mesmo”<sup>111</sup>.

O ente que somos habita o mundo e transita livre para um lado ou outro assumindo e dando condição às possibilidades que lhe chegam. Falar implica, necessariamente, em desvelar o mundo co-habitado, mas, ao mesmo tempo, diz ao próprio ser-aí que somente pode dizer algo aquele que escuta e dá chance de aparecimento ao silêncio frutífero. O florescimento do discurso se dá a partir de seus antônimos, vez que silenciar e acolher o processo da escuta se opõe à sonoridade da fala. É importante ressaltar que a expressividade do discurso como articulador dos significados do ser-no-mundo não se iguala à fala como manifestações acústicas que dizem do mundo ao *Dasein*. Ao contrário, Heidegger diz,

<sup>108</sup> M. Heidegger, *History of the Concept of Time: Prolegomena*. p. 368.

<sup>109</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 208.

<sup>110</sup> Conceito apresentado no segundo volume da tradução brasileira de *Ser e Tempo*, que faz referência ao mundo particular (*eigenwelt*) do ser-aí e seus chamados, os quais refletem diretamente sobre a existência particular de cada homem.

<sup>111</sup> A. Duarte, op. cit. p. 141.

sobre o discurso, que seu desvelamento está articulado intimamente ao prévio recolhimento possível a partir do silêncio e da escuta.

Ainda em *Ser e Tempo*, o filósofo apresenta a complementariedade do silêncio ao discurso. Esta dimensão existencial depende da sensibilidade do manter-se em silêncio (*Verschwiegenheit*) para, assim, poder ouvir e escutar as solicitações do mundo.

Da mesma forma que a escuta possibilita que a articulação compreensiva da cadeia de significados manifestos no mundo se mostre ao ser-aí, somente no silêncio ele está apto às solicitações de sua própria condição de ser-em-um-mundo. A coexistência, necessariamente experienciada pelo ser-aí, também se manifesta tanto na escuta como no silêncio, pois isto implica no reconhecimento do outro como também um existente e habitante do mesmo mundo. Receber o outro, também discursante e dotado da linguagem, é apreendê-lo a partir da escuta para então possibilitar o compartilhamento da linguagem entre os existentes.

Quem nunca fala nada não pode estar e se manter em silêncio em momento algum. Manter-se em silêncio de modo autêntico é possível, somente, a partir de um discursar genuíno. Para ser capaz de silenciar, *Dasein* deve ter algo a dizer- isto é, é preciso ter à disposição um autêntico e rico desvelamento de si mesmo. Neste caso, manter-se reticente (*Verschwiegenheit*) no silêncio afasta a possibilidade do falatório (*Gerede*). Como também um modo de discurso, manter-se em silêncio articula genuinamente a compreensibilidade do *Dasein* de modo a proporcionar a possibilidade-de-escuta autêntica e uma convivência transparente<sup>112</sup>.

No calar-se para ouvir originariamente o que é dito silenciosamente pelos chamados do mundo e do Ser na busca pelo sentido, a dimensão da transcendência, particular ao homem, se manifesta. Sair do invólucro da subjetividade implica, no pensamento heideggeriano direcionado às investigações acerca da linguagem, que a própria linguagem confere ao homem sua qualidade de existente. Se transcender a si mesmo é uma das possibilidades do *Dasein* no reconhecimento de sua co-existência, a linguagem exerce papel fundamental neste processo, visto que propaga ao mundo e aos outros uma determinada existência e modo de ser que a partir

---

<sup>112</sup> M. Heidegger, **BT**. p. 208.

dela – linguagem- possam vir à luz. E, justamente por considerar a linguagem em seu caráter ontológico existencial, anterior a qualquer determinação mundana de prática ôntica, que silenciar e escutar são condições basilares a qualquer expressividade comunicativa que une um ser-aí ao outro.

O calar-se é um modo de poder e saber falar. [...] É o que se mostra já no fato de, muitas vezes, o silêncio poder dizer coisas muito mais determinadas e precisas do que a fala mais prolixa. [...] O poder calar como silêncio, é a origem e fundamento da linguagem<sup>113</sup>.

Na vira-volta, o estudo do silêncio é entendido como indispensável à linguagem e, por consequência, de extrema importância no pensar e na possibilidade apropriadora a partir do *Ereignis*. Relacionado diretamente à escuta, o silêncio ou capacidade de silenciar do ser-aí, é um fator fundamental para que o Ser possa, de fato, manifestar-se na história. O Ser chama os mortais para o pensamento e no pensar habita a abertura compreensiva da linguagem enquanto dimensão ontológica do ser-aí. Com esta conjuntura, o ser-aí recebe suas convocatórias a partir de seu chamado silencioso, uma fala que habita a linguagem assim como o *Dasein* mora no *entre*.

O meio dos dois é a intimidade. “Entre” é o nome que nossa língua dá ao meio de dois. A língua latina diz *inter*. *Inter* corresponde ao alemão *unter*. A intimidade de mundo e coisa não é mistura. A intimidade prevalece somente onde o íntimo, mundo e coisa, puramente se distingue e permanece distinto. No meio de dois, entre mundo e coisa, em seu *inter*, nesse *unter*, prevalece o corte (*Schied*) que os separa e diferencia<sup>114</sup>.

Do mesmo modo que o ser-no-mundo se transcende ao levar-se em consideração o todo em que ser-aí se enraíza - a quadratura -, o *Dasein* tem como morada o *entre*. Para Heidegger, o que separa mundo e coisa no habitar dos mortais, e por consequência as dimensões da quadratura, é o *entre* desses pólos, que também estabelece diferenças e as faz vir à tona. O *entre* que há na separação do todo da quadratura é o que de fato diferencia um do outro e, ao mesmo tempo, promove o contato aproximado que os

<sup>113</sup> M. Heidegger, *Ser e Verdade*. p. 119-124.

<sup>114</sup> M. Heidegger, **AL**.

institui como complementares<sup>115</sup>. Se a linguagem é a morada do Ser e, por sua vez, o homem habita a linguagem, Ser e *Dasein* compartilham de uma mesma possibilidade de enraizamento e pertencimento. Os mortais habitam a linguagem e, desta forma, administram também o Ser e suas manifestações porque compartilham seu modo de aparecer de maneira similar. O *Dasein* habita o Ser igualmente e o admite na condição de quem o recebe equivalentemente, por possuir uma mesma característica de indeterminação. Desta forma, o ser-aí existe no entre que separa o Ser e o mundo no qual se manifesta. Naquilo que diferencia ambos os polos, a linguagem se desvela como uma habitação caracterizada pela busca de apropriação traçada pelo ser-aí.

A “voz silenciosa do Ser”<sup>116</sup>, que provoca o existente à habitação do mundo e compreensão da história enquanto possibilidade de apropriação – a partir do acontecimento apropriador-, se estabelece como fundamental à linguagem de modo equivalente ao mundo para o *Dasein*. A partir deste chamado, a linguagem pode aparecer como um fenômeno originário frente à abertura do ser-aí, fundante ao des-velamento da verdade (*Aléthéia*). A voz do Ser que convoca em silêncio é duplamente atuante na dimensão de quietude da linguagem. Se, por um lado, um chamado silencioso caracteriza o que a linguagem possui de mais originário - a possibilidade do *logos* e da saga do dizer -, que é mostrar aquilo que deve ser visto, por outro, pode ser absorvido pela escuta dos mortais, caso o silêncio vigore enquanto manifestação. A quietude da linguagem é o que possibilita a *Dasein* habitar o entre a partir de uma disposição<sup>117</sup> (*Stimmung*) de re-colhimento. Ao re-

---

<sup>115</sup> Cf. M. Heidegger, **AL**

<sup>116</sup> Heidegger trata as convocatórias do Ser ao homem como um chamado silencioso que confronta o *Dasein* com sua existência e, também, com a verdade que se desvela no acontecimento apropriador. Diz desta relação: “O pensamento originário é o eco do favor do ser pelo qual se ilumina e pode ser apropriado o único acontecimento: que o ente é. Este eco é a resposta humana à palavra da voz silenciosa do ser. A resposta do pensamento é a origem da palavra humana; palavra que primeiramente faz surgir a linguagem como manifestação da palavra nas palavras. M. Heidegger, *Posfácio* (1943) – *Que é metafísica*. p. 71.

<sup>117</sup> A disposição de ânimo relacionada à condição de projeto confere ao existente o modo como, pré-reflexivamente, irá entrar em contato com o mundo e, conseqüentemente, compreendê-lo e zelar por ele. “A dis-posição não é um concerto de sentimentos que emergem casualmente, que apenas acompanham a correspondência. Se caracterizamos a filosofia como a correspondência dis-posta, não-posta, não é absolutamente intenção nossa entregar o pensamento às

colher-se para acatar o Ser que se denuncia na linguagem, o *Dasein* se abre afetivamente para o recebimento da possibilidade apropriativa que o acontecimento apropriador proporciona.

O silêncio da quietude libera dos aprisionamentos linguísticos o Ser enquanto possibilidade compreensiva da linguagem como um todo, pois admite que o *Dasein* co-exista, também, com sua própria habitação. Na poesia, o silêncio promove a possibilidade da fala da linguagem, que é escutada pelos mortais, faz com que o divino seja compreendido também como uma possibilidade de habitação transcendente à existência. No contato do *Dasein* com o divino, o silêncio, que permite a voz do Ser ser apreendida enquanto chamado apropriativo, é absorvido como manifestação da linguagem e condição de possibilidade às demais dimensões desse existencial. A linguagem somente pode falar e dar-se à compreensão dos mortais porque se dimensiona como, ao mesmo tempo, fruto e condição da escuta e, principalmente, do silêncio. Não há possibilidade de o *Dasein* escutar o Ser, que lhe envia o acontecimento apropriativo, caso não haja o silêncio como abertura fértil para que os chamados possam ser decifrados. O que o silêncio promove enquanto articulação com a linguagem envolve o âmbito geral deste existencial porquanto a própria fala lhe é correspondente. Desde o período de *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta a linguagem, bem como suas dimensões particularmente, como um existencial atuante de modo articulado e em parceria com as demais facetas do ser-aí. A *vira-volta, entretanto*, caracteriza o silêncio como, na maior parte das vezes, o ponto central da linguagem. Uma vez que já está em relação com o Ser, a linguagem, e conseqüentemente o silêncio que proporciona a escuta compreensiva, possibilita que o *Dasein* compreenda a história e possa pensá-la. Ainda, o silêncio faz com que a escuta seja a abertura para o entendimento da saga do dizer, o qual transmite, a partir da comunicabilidade da linguagem, os chamados do Ser para os mortais. E neste sentido, a saga da linguagem é, de fato, o que a fala diz e que não consiste somente na emissão de sons ou justaposição de palavras.

*A linguagem fala como consonância do quieto. A quietude aquietar-se dando suporte ao modo de ser de mundo e coisa. Dar suporte a mundo e coisa no modo da quietude é o acontecimento apropriador da di-ferença. A linguagem, a consonância do quieto, dá-se apropriando a di-ferença. A linguagem vigora como a di-ferença que se apropria em mundo e coisa.*<sup>118</sup>

O viger da linguagem, como a dimensão que diferencia mundo de coisa e vice-versa, apresenta ao *Dasein* o compartilhamento que há entre o Ser e a possibilidade do *Ereignis*. Aberto ao recebimento do acontecimento apropriador, os mortais se apresentam à linguagem não somente a partir do dizer, mas, sim, fundando-se na possibilidade de contato com o originário que o silêncio proporciona. De modo integrado, segundo Heidegger, somente pode dizer algo aquele que, aberto aos chamados do Ser, escuta em silêncio e ao próprio silêncio, pois deste modo a verdade se torna possível de desvelamento<sup>119</sup>.

Do mesmo modo, escutamos a linguagem quando deixamos que diga o seu ser mostrador-revelador; escutar a linguagem em seu caráter mostrador mais próprio é sempre um deixar-se dizer (*Sichsagenlassen*), um deixar-se perpassar pelo poder revelador silencioso da linguagem, pois só então será possível um dizer significativo, um falar que mostre e que não apenas reproduza e passe adiante o que já sempre se disse. O autêntico falar que diz algo significativo só pode fazê-lo se já se encontrar previamente aberto e perpassado pela escuta do caráter mostrador da linguagem, isto é, na medida em que deixa dizer o som do silêncio (*das Geläute der Stille*) ou o rio do silêncio (*Strom der Stille*) que nada exprimem, mas que possibilitam toda expressão, tanto a que revela quanto a que oculta<sup>120</sup>.

Ainda, no que diz respeito à integração das dimensões da linguagem proposta na *vira-volta*, Heidegger aponta o acontecimento apropriador como ponto unificador entre a linguagem, os mortais e a compreensão dos chamamentos do Ser. É no *Ereignis* que a escuta à voz silenciosa do Ser, manifesta na fala da linguagem, pode ocorrer. A possibilidade apropriadora buscada pelos mortais no *Ereignis* é atravessada pela condição

<sup>118</sup> M. Heidegger, **AL**. p. 24.

<sup>119</sup> Cf. Heidegger, **CL**.

<sup>120</sup> A. Duarte, op.cit. p. 147.

compreensiva do *Dasein* ao escutar os silêncios da linguagem. A linguagem diz de modo silencioso aos mortais aquilo que os aproxima do Ser, enquanto envio. Tanto a linguagem, como o próprio Ser se manifestam de modo silencioso. Neste sentido, a escuta dos mortais é o que, de fato, possibilita a manifestação da linguagem como contato íntimo com as vicissitudes da história. A linguagem transcende a barreira do ser-com e acolhimento do outro, tal como proposto em *Ser e Tempo*, a partir da capacidade de escutar pelo silêncio os chamados silenciosos, os quais colocam os mortais em correspondência com o Ser. Da mesma forma que na clareira do *Dasein*, é pelo silêncio que se compreende a manifestação dos chamados do Ser, que convocam os mortais à compreensão do dizer, também, silencioso da linguagem. O dizer da linguagem manifestado na existência não implica em nenhum tipo de criação e/ou apropriação humana deste existencial. Ao contrário, toda possibilidade de desvelamento que a linguagem promove na sua saga do dizer é uma correspondência ao Ser; uma dimensão fundamental ao acolhimento do acontecimento apropriador.

Do mesmo modo, também o poder-ouvir a saga silenciosa da linguagem, o pertencer de maneira obediente a ela, próprio de nossa essência, repousa no evento apropriador que unifica a essência do homem, pois garante que o humano seja aquele que fala a partir da escuta da saga mostradora da linguagem. O dizer dos mortais, seu pronunciar palavra, é sempre já um corresponder (*Entsprechen*) próprio ou impróprio à saga silenciosa da linguagem. Não existe algo como uma fala natural de uma suposta natureza humana já dada, pois toda fala humana natural é uma resposta epocal a um destinamento da apropriação que reúne a saga silenciosa pela qual a linguagem fala e mostra o ente na totalidade em cada época.<sup>121</sup>

No silêncio está a possibilidade de desvelamento da correspondência da linguagem com o Ser e esta dimensão assume papel de importância fundamental na compreensão da linguagem na *vira-volta*. Atua, consoante o contexto, como possibilidade de aparecimento do Ser e de compreensão do *Ereignis*. O acontecimento apropriador proporciona aos mortais o contato com a existência que transcende à compreensibilidade dos existenciais descrita em *Ser e Tempo*. Este contato é baseado na historicidade

---

<sup>121</sup> A. Duarte, op. cit. p 148.

(*Geschichtlich*) que o ser-aí possui, a qual, por sua vez, faz com que, ao escutar em silêncio os chamados do Ser, a verdade seja admitida como desvelamento daquilo que se deixa-ser (*Gelassenheit*) como sua morada. Deste modo, o desvelamento da verdade estabelece uma relação de consonância com a capacidade de silenciar do ser-aí, pois também no silêncio é possível admitir que o Ser se manifeste enquanto tal, a partir de sua liberação e serenidade.

## 4 Retomada e reflexões finais

Esta dissertação tem como finalidade considerar a linguagem como é apresentada por Heidegger em uma de suas obras tardias, *A caminho da Linguagem*. O percurso, expositivo, teve como meta encadear a compreensão da linguagem na segunda fase do pensamento de Heidegger. Os pontos complementares aos conceitos centrais da linguagem discutidos, mesmo que de maneira circunscrita ao tema central da dissertação, são, na realidade, problematizações que compartilham da intenção filosófica da fenomenologia de Heidegger. O caráter concêntrico adotado como parte da elaboração deste trabalho leva em conta, primordialmente, não só o estilo próprio da tessitura de exposição heideggeriana, mas, também, sua proposta de fenomenologia, a qual não esgota qualquer fenômeno que se propõe a observar.

Retomar os pontos centrais apresentados parece pertinente e oportuno. Ademais, o estudo da linguagem na *vira-volta* permite que algumas dimensões fundamentais, tanto do Ser quanto do *Dasein*, sejam destacadas de modo a sugerir algumas propostas decorrentes do entendimento da linguagem. Assim, refletir sobre a linguagem a partir do referencial escolhido para este trabalho permite o levantamento de questões já discutidas por alguns comentadores. Nesta direção, buscaremos examinar possíveis interseções até mesmo as já exploradas por alguns comentadores na tentativa de construir um novo olhar sobre parte da filosofia – a ética- que não foi trabalhada explicitamente por Heidegger.

#### 4.1 Retomada: a linguagem em “*A caminho da Linguagem*”

Em *A caminho da Linguagem*, Heidegger apresenta suas ponderações acerca da linguagem sem estabelecer uma organização lógica de exposição. Por se tratar de coletânea de opúsculos, esta obra dialoga com outros escritos do autor, nos quais os temas específicos apresentados em cada um dos ensaios possam ser compreendidos na sua totalidade. Ao se lançar ao tema principal da *vira-volta*, Heidegger propõe a compreensão da linguagem a partir de horizonte fenomenal não delimitado ao modo de ser existencial do ente homem. Transcendendo as barreiras do ser-aí, a linguagem se conecta, diretamente, com o Ser e possibilita que ele seja desvelado aos mortais ao longo da história. Isto é, a linguagem deixa de ser somente uma possibilidade intermediadora da existência no estabelecimento de sentido e compreensão do ser-no-mundo enquanto uma rede significativa. Na *vira-volta*, do mesmo modo que a pergunta de Heidegger se amplia, buscando a maior originalidade do Ser enquanto questionamento filosófico, a linguagem em seus modos de ser adquire ainda outros horizontes. O fato de o Ser manifestar-se no fluxo historial do tempo<sup>122</sup> (*Zeit*) faz com que a verdade seja entendida também como um *Ereignis* e não mais como algo concernente aos exclusivos desvelamentos do ser-aí. A existência é destituída de seu caráter de primazia no contato direto e mais refinado com o Ser e a história passa a ser compreendida como a via de acesso mais associada aos desvelamentos do Ser.

Por não se limitar a um pensamento puramente histórico, a pergunta de Heidegger sobre a verdade compreende a história de modo distinto da historiografia.

---

<sup>122</sup> “*Zeit* significa ‘tempo’. O adjetivo *zeitlich*, ‘pertencente ao tempo, temporal’, também possui o sentido de ‘transitório’. Heidegger também utiliza *Zeitlichkeit*, ‘temporalidade’. ‘Oportuno’ e ‘oportunidade’ possuem o sentido de (estar) a tempo, em (bom) tempo, no momento certo’, um sentido que não está presente em *zeitlich(keit)*, seja em seu uso ordinário, seja no uso que Heidegger faz do termo. [...] Somente *Dasein* é *zeitlich* no sentido de Heidegger, outros entes, tradicionalmente considerados como *zeitlich*, são *innerzeitig*. [...]. A *Temporal(ität)*, por sua vez, refere-se ao ser não a *Dasein* nem a qualquer outro ente. [...] A temporalidade não é absolutamente uma entidade. Ela não é, ela *temporaliza* a si mesma.” M. Inwood, op. cit. p. 185-186.

A história (*Historie*) não se relaciona com a verdade (*alethéia*) tomando por base uma coleção de fatos, objeto de dedicação da historiografia. Admitindo o *Dasein* como habitante de um mundo participativo da história, a história (*Geschichte*) é compreendida como horizonte também existencial. Propondo um paralelo com o ser-aí, do mesmo modo que o homem constitui seu *Dasein* a partir da existência, a própria história se estabelece como uma possibilidade de desvelamento da verdade e manifestação do Ser desde a sua facticidade. Os mortais, antes de qualquer perspectiva existencial, também são entes. As peculiaridades que o *Dasein* possui advêm da continuidade que é o existir. A analogia com a história consiste em se tomar um ponto não limitado a compreensões factuais como partida, objetos da historiografia. O *Dasein* e a história (*Geschichte*) se complementam ao fluir em parceria inseparável, perpassando a verdade não mais entendida como uma adequação do intelecto à coisa. Levando-se em conta este referencial, a verdade para Heidegger é uma construção histórico-existencial, a qual somente se desvela enquanto uma possibilidade de modo-de-ser a partir da atitude desveladora do ser-aí que, por constituir a história, a libera e deixa-ser enquanto um modo de se mostrar do Ser.

A linguagem se entranha na história como possibilidade de desvelamento da verdade, que já está em relação com o ser-aí, em meio à verdade e seu aparecimento no mundo. Isto não quer dizer que o ente que somos, por contar com a linguagem enquanto uma dimensão de sua existência, traduz as manifestações do Ser em palavras e/ou, necessariamente, coisas dizíveis. A linguagem se configura como a possibilidade compreensiva do ser-aí em relação à sua habitação primordial, o *entre*, e como a significadora da existência enquanto um movimento ininterrupto de vir-a-ser. Além do que foi explicitado em *Ser e Tempo* — a linguagem como uma dimensão que interliga o ser-com e traduz as teias significativas do mundo em sentido à existência do ser-aí —, na *vira-volta* a atuação desta dimensão abrange a clarificação da verdade na história como um movimento capaz de englobar também a existência, fazendo com que o Ser tenha suas convocatórias atendidas pelos mortais. A partir dos envios

do Ser, a destinação da linguagem é a essencialização<sup>123</sup> da história como a historicidade do *Dasein*. Compreendendo a história (*Geschichtlich*) como uma dimensão existencial dos mortais, a atitude liberadora da verdade perpassa a linguagem capaz de deixar-ser-o-Ser e, como consequência, capaz dizê-lo de modo originário.

A essencialização do Ser é um movimento de dupla via, ou seja, do mesmo modo que a linguagem pode desencobrir o Ser aos homens, possibilitando sua compreensão, pode igualmente torná-lo um mistério. O mistério do Ser é abordado por Heidegger, na *vira-volta*, como o contraponto ao seu esquecimento ao longo da história do pensamento. Pela transformação do Ser em apenas outro ente, empobrecido de sua condição destinadora à história e à existência, seu mistério, a indeterminação frente às barreiras do entendimento racional do humano, também se perde. Heidegger diz que o mistério é parte indispensável do pensamento sobre o Ser, pois não pode encerrar em si um raciocínio filosófico logicamente estruturado e destinado ao entendimento epistemológico deste conceito. Pensar sobre o Ser é destinar-se a ele de modo compreensivo, aberto e disposto a assumi-lo em suas manifestações e ocultamentos<sup>124</sup>.

O movimento de encobrimento e revelação do Ser interage diretamente com a condição de desvelamento da verdade. Nessas condições, o desocultar-se do Ser para os mortais por meio da linguagem, não implica, por exemplo, no mostrar-se da verdade de modo inevitável. Ao contrário, esta conjuntura de claridade e escuridão que atravessa o Ser é também um modo de ser da verdade.

---

<sup>123</sup> “Wesen é a ‘essência, natureza interna ou princípio’ de uma coisa. [...] Ela é a substantivação do verbo desaparecido *wesen*, ‘ser, ficar, durar, acontecer’ que originariamente significava ‘morada, vida, modo de ser, vigor etc’”. Portanto, a essência destacada por Heidegger faz menção ao modo-de-ser de determinada coisa, ao vigor e natureza interna. A essência do Ser, neste caso, não é mais entendida como uma definição imutável de atributos característicos que acabaria por entificar o entendimento do Ser enquanto dimensão e pergunta fundamental da ontologia. Ao contrário, a essência (*wesen*) do Ser pode ser compreendida a partir de seu desvelamento no mundo e para a história, que denota modos-de-ser para o próprio desencobrimento do Ser. “Wesung, uma unidade original do ser-o-que e do ser-como, pertence unicamente ao ser e à verdade” M. Inwood. op.cit. p. 55. Ainda, *Wesung* é o termo alemão que corresponde à palavra *essencializar*, pois deriva de *Wesen*, essência. “Wesung significa o modo como o próprio ser é, a saber, ser”. Cf. M. Heidegger, **CP**. p. 484.

<sup>124</sup> Cf. M. Heidegger, **DP**.

A linguagem, entretanto, recebe na *vira-volta* a “guarda” da originariedade de expressão das convocatórias do Ser ao *Dasein*, o que implica na composição do sentido atribuído pelo homem tanto à existência quanto à história (*Geschichte*). É considerada por Heidegger a morada do Ser porque o acolhe e o enraíza em suas possibilidades de manifestação. A linguagem não é somente um utensílio e/ou instrumento da comunicabilidade dos mortais, mas resguarda o sentido encoberto da história ao ser-aí enquanto palco de aparecimento da verdade. Na linguagem, os mortais são colocados em enfrentamento com a existência e **sua** relação com o Ser enquanto tal. Se de um lado, a saga do dizer apresentada por Heidegger se equipara ao discurso de *Ser e Tempo* – costura para ser-aí os significados de mundo e do Ser para então expressá-los ao outro e a si-mesmo – por outro, o fato do *dizer* (*Sagen*) estar em relação a um caminho na direção do desvelamento do Ser admite a linguagem como um existencial que vai além dos limites existenciais da compreensão dos mortais. Considerando o *entre* como a habitação originária do *Dasein*, Heidegger encaminha sua argumentação a um horizonte de pensamento distante das barreiras da racionalidade. Dito de outro modo, a linguagem, que é capaz de expressar aquilo que o pensamento pode pensar pela saga do dizer, e o Ser, como *Ereignis* e convocador do *Dasein* enquanto guardião de seu sentido e do desvelamento da verdade, superam a existencialidade de uma composição de conjuntura de mundo compreensível ao ser-aí apresentada em *Ser e Tempo*.

Na saga do dizer do *Dasein*, a linguagem desvela a fala do Ser. Portanto, a linguagem enquanto um modo-de-ser do Ser somente se mostra a partir da possibilidade desencobridora que é o dizer em sua saga. A correspondência que há entre a fala da linguagem e a capacidade de falar dos mortais é a própria linguagem enquanto manifestação ontológica perpassada pelo existente.

A segunda metade da filosofia de Heidegger também aprimora o que foi explicitado em *Ser e Tempo* a propósito de escuta e silêncio, que, nesse momento, complementam a saga do dizer e a fala da linguagem. De modo mais específico, as considerações acerca da linguagem apresentadas no parágrafo 34 de *Ser e Tempo* são indispensáveis à compreensão deste

mesmo tema na *vira-volta*, pois se caracterizam como embriões daquilo que, tardiamente, Heidegger proporia, a saber, a linguagem entendida como um todo em correspondência com o Ser e o pensar. A interligação de temas que a *vira-volta* propõe não abrange, somente, a linguagem. Ao contrário, entende que a pergunta pelo Ser é de complexidade significativa, capaz de promover questionamentos relativos às fundações da filosofia heideggeriana. Em um momento de retomada da originalidade do pensamento filosófico, Heidegger convoca a linguagem, bem como as demais dimensões existenciais já esmiuçadas em *Ser e Tempo*, para um modo compreensivo que soma à existência fatores de interrogação ao próprio Ser e seus modos de desencobrimento.

No caso específico da linguagem, sua total integração é considerada a partir do que já estava convencionado no primeiro momento do pensamento do filósofo. Entretanto, a forma como este conceito se une à problemática central da *vira-volta* se articula de modo novo, o que compreende mudanças no pensamento existencial do filósofo.

Se no período da ontologia fundamental a análise da linguagem se inseria no âmbito da analítica existencial, que desvelava o caráter de abertura do ser-aí em seu comportar-se para com o próprio ser, após a viragem (*Kehre*) o ser-aí será pensado como o ente extático ao qual corresponde a guarda protetora do aberto da clareira do ser, na qual ele já se encontra lançado; tal proteção se dá agora por meio do cultivo do pensamento essencial e da linguagem poético-meditativa, não objetificada ou objetificante, não calculadora e não representacional<sup>125</sup>.

No período tardio do pensamento heideggeriano, escuta e silêncio se mantêm bem próximos ao que *Ser e Tempo* já assinalava. A ênfase, entretanto, está na sua importância para a linguagem, vez que é considerada como um dos principais modos de aparecimento do Ser.

Neste sentido, escuta e silêncio não compreendem mais, unicamente, a interação entre os co-seres-aí enquanto falantes, mas tornam-se imprescindíveis à compreensão do *Dasein* acerca da história, do acontecimento apropriador e da verdade. Escuta-se a linguagem e seu

---

<sup>125</sup> A. Duarte, op.cit. p. 143.

silêncio, pois assim o Ser também vem à luz e torna-se compreensível quando mostrado aos mortais a partir de seu dizer.

O silêncio é apresentado por Heidegger fundamentalmente como o modo-de-ser da linguagem do Ser. A fala da linguagem que possibilita aos mortais falarem advém do silêncio que existe no aparecer do Ser. A linguagem admite o modo-de-ser do ser-aí, do ponto de vista de uma não concretude estática e, portanto, não se circunscreve na comunicação diária entre os mortais. Então, ao entender a linguagem a partir deste referencial, Heidegger propõe que não se confine o pensamento acerca deste ponto apenas ao modo explicativo. Ao contrário, amplia seus limites para uma articulação ontológica e originária com o Ser, possibilitando à linguagem uma expressão silenciosa, compreensível aos mortais como a forma de aparecimento do Ser enquanto possibilidade e não apenas como ausência de comunicação.

Pensar o ser é escutar não apenas o dizer por meio do qual os homens do presente intercambiam suas informações e dados mais importantes, linguagem que nada comunica e que não se encontra expressa em nenhum lugar deste mundo, que se torna cada vez mais i-mundo. A meditação heideggeriana sobre a essência da linguagem é uma crítica do presente enquanto época metafísica da técnica que fecha seus ouvidos para o ser da linguagem; simultaneamente, é um pôr-se à disposição da possibilidade epocal de uma outra relação lingüística com o ser, esquecido em sua retração constitutiva<sup>126</sup>.

É neste contexto e ao longo deste momento de sua filosofia, que Heidegger enfatiza a poesia como fundamental para a liberação da originalidade do Ser aos mortais. Elevando a poesia à sua extrema possibilidade de linguagem, de um dizer livre e liberador, Heidegger encontra em Hölderlin um porta-voz da linguagem. Considera seu dizer um modo ingênuo e próprio de referenciar o mundo e o contexto existencial do povo alemão. A ligação com este poeta não se encerra na concordância com o modo de poetizar por ele utilizado. O filósofo o tem na conta de o "*poeta*

---

<sup>126</sup> Id. Ibidem. p. 146.

do poeta<sup>127</sup>” porque seus versos aproximam os dizeres do Ser, do mundo e dos mortais.

Segundo Gadamer<sup>128</sup>, Heidegger viu em Hölderlin um auxílio teológico para seu pensamento, pois o poeta havia renovado a heresia de Joaquim da Fiore: Deus ou o Divino envia aos homens um meio de reavivar um fogo que vai se apagando. [...] Em Hölderlin, a poesia é a autêntica fundação do ser<sup>129</sup>, nomeando não só as coisas, mas também os deuses. Pode-se dizer que é a poesia que possibilita a própria linguagem, ao passo que o poeta é aquele que capta o sinal dos deuses, dando-os em seguida aos homens. O poeta se mantém assim como um mediador: ele se encontra entre homens e deuses, entre seu povo e os imortais<sup>130</sup>.

Na poesia, o Ser se essencializa a partir de um modo de ser da linguagem, que é capaz de trazer à tona tanto a existência, de forma transcendente à facticidade, quanto a verdade como um modo-de-ser do *Dasein* na história. Para Heidegger, “*não é a poesia uma possível forma de linguagem; a linguagem mesma já é poética em sua forma original. [...] Não haveria linguagem sem poesia. Poesia e linguagem são conascentes*”<sup>131</sup>. A linguagem poética rompe com a fala da filosofia, capaz de compreender e explicar o Ser, pois contradiz o pressuposto técnico envolvido neste tipo de pensamento, imerso nessa modalidade do saber e na linguagem determinada do filósofo. A consideração desse horizonte fica a cargo do pensador, pastor que cuida do Ser, tendo em vista a preservação de sua originariedade fundamental. Na *vira-volta*, o pensador assume papel contrastante ao filósofo porquanto é capaz de se ligar ao Ser pré-reflexivamente, compreendendo-o enquanto fenômeno em suas manifestações e não como um constructo teórico categorizável. Deste modo, Hölderlin e sua poesia representam, para Heidegger, a outra possibilidade de interação entre os mortais e o Ser. Junto ao pensador, o

<sup>127</sup> Cf. M. Heidegger, **HH**.

<sup>128</sup> A obra de Gadamer destacada pelo autor é *Linguaggio*, traduzida nesta versão por D. D. Cesare e publicada em 2005 pela editora Laterza de Roma.

<sup>129</sup> A palavra *ser* desta citação deve ser lida *Ser*, neste trabalho, por se tratar do conceito *Seyn*.

<sup>130</sup> M. Fabri, *Claridade e obscuridade: Heidegger, Levinas e o Deus invisível*. p. 74-75.

<sup>131</sup> B. Nunes, op.cit. p.126

poeta deixa-se livre e suscetível às inconstâncias da linguagem, admitindo-a em seus modos mais simples e desprovidos de *a priori* determinante.

Ao admitir a poesia como “a” linguagem capaz de desvelar o Ser e impulsionar o *Dasein* à compreensão da verdade, escuta e silêncio assumem contextos fundamentais ao que Heidegger considera a correspondência entre o ser-aí, a linguagem e o Ser. Estas duas dimensões da linguagem promovem a direta interação entre o ser-aí e o Ser enquanto aquele que atende suas convocatórias. “*É justamente com respeito à possibilidade existenciária da apropriação da fala e da compreensão que surge um aspecto central e permanente do pensamento heideggeriano, a atenção filosófica concedida ao silêncio e à escuta, a qual encontra em Rilke um paralelo poético*<sup>132</sup>.” Prosseguindo na mesma trilha de *Ser e Tempo*, o diálogo heideggeriano com a poesia eleva tanto a escuta quanto o silêncio aos patamares centrais daquilo que o filósofo considera como a destinação dos envios do Ser e, por consequência, a possibilidade de liberação da verdade como um deixar-ser livre capaz de desvelar<sup>133</sup>.

A *caminho da Linguagem* apresenta uma reflexão tardia de Heidegger acerca da linguagem a qual se distancia de sua primeira fase e propõe diálogos com questões que superam os limites da existência do ente que somos. Este modo de basear a construção de um pensamento posterior a *Ser e Tempo* avança sobre horizontes misteriosos onde a própria linguagem se torna uma barreira à fluidez do pensar heideggeriano. Isto não quer dizer que a filosofia de Heidegger seja afetada por impossibilidades linguísticas. Ao contrário, significa que a linguagem, tal como é concebida corriqueiramente em seu uso, mesmo na tarefa do pensamento filosófico, pressupõe algumas limitações para a realização daquilo que o filósofo chama de desvelamento do Ser. Como representantes da linguagem pura e desprovida de pré-estabelecimentos que maquiam o

---

<sup>132</sup> Id. Ibidem. p. 140. Acrescente-se que Heidegger destaca alguns poetas de língua alemã que compartilham de um mesmo período histórico e literário por considerá-los quase como mensageiros do Ser, atentos à possibilidade de pensar as questões fundamentais e originárias do mundo e da existência por meio de uma linguagem que lhes possibilitaria, em função de sua pureza de *a priori*, alcançar o claro entendimento destes pontos. Alguns dos poetas destacados pelo filósofo são Hölderlin e Trakl, além de Rilke nomeado nesta citação.

<sup>133</sup> Cf. M. Heidegger, **EV**.

Ser em sua função comunicativa, também os pensadores sofrem com a limitação linguística inerente à compreensão do pensamento acerca do Ser. A necessidade de expressar o inexpressável que caracteriza o Ser como tal, se supostamente superada, viria a aprisionar tanto a linguagem como o Ser em moldes pré-estabelecidos e, em vista disso, o que Heidegger propõe como modo de compreensão e pensamento sobre a linguagem seria também rejeitado.

A busca pelo retorno às origens do próprio questionamento filosófico acerca do Ser faz com que o pensador reorganize pontos sólidos de sua obra, para que possa apresentá-los de modo mais integrado com as demais argumentações. A *vira-volta* (*Kehre*) foi assim batizada por Heidegger porque não seria direito caracterizar esta fase como abandono ou recomeço filosófico. Concerne ao aprimoramento daquilo que já se havia alcançado de outra forma aperfeiçoamento provocado pela necessidade de dar uma guinada a antigos conceitos. As mudanças de compreensão e/ou as articulações inéditas propostas neste período filosófico, possibilitaram que o pensamento heideggeriano se aproximasse ainda mais das origens da filosofia enquanto atividade do "pensamento". A reestruturação das idéias e principalmente das vias de acesso para a sua concretização aproximaram o filósofo daquilo que ele mesmo entendia como, de fato, a filosofia: uma liberação intercambiada entre o Ser e o homem, mediada pela linguagem.

Em todos os ensaios que compõem *A Caminho da Linguagem*, Heidegger reconhece a linguagem como não sendo determinada e muito menos teorizada. Ao contrário, deve ser devolvida a si mesma. Como morada do Ser, qualquer "explicação" sobre a linguagem culminaria, justamente, em seu encapsulamento em moldes que não trariam à luz a obscuridade do Ser. Deste mesmo modo se refere o pensador à metafísica, que aprisionou o Ser na previsibilidade de um ente categorizável e, por consequência, tornou igualmente cativos os meios pelos quais pode se manifestar. Em relação à linguagem, a filosofia da linguagem e a própria linguística apresentam reflexos desta herança de pensamento. Heidegger não nega os avanços destas áreas, mas rejeita-as enquanto possibilidade compreensiva acerca da linguagem, uma vez que a determinação que se pressupõe nestas vertentes do conhecimento não possibilita o pensamento

enquanto legado do Ser. A linguagem, portanto, deve ser compreendida pelos mortais como algo pensável, como um modo de aparecimento do Ser que pode desocultar a verdade. Na *historia da verdade do Ser*, a linguagem diz o Ser em seus silêncios e se torna capaz de escutar, na história, a verdade (*Alethéia*) como uma indeterminação pela qual o *Dasein* busca, com base em sua compreensão, apropriar-se. Mas, “a respeito da essência da linguagem, só se podem encontrar indícios ou acenos (*Winke*) que a manifestam de maneira enigmática e não signos ou conceitos que possam remetê-la a um significado já previamente estabelecido e fixado pela tradição<sup>134</sup>”.

#### 4.2 Uma possibilidade ética

Investigar a linguagem no período específico da *vira-volta* sugere um retorno à fase de *Ser e Tempo* com o intuito de firmar, compreender e assimilar as proposições de Heidegger em suas obras tardias. Retomar *Ser e Tempo* e prosseguir sem enredar-se em suas pontuações, proporciona um re-conhecimento do pensamento heideggeriano; consubstancia a possibilidade de conquistar a coerência interna de seus escritos. A fenomenologia proposta por Heidegger não esgota seus temas, mas os faz desabrochar para novos rumos. Estabelecer a linguagem tal qual apresentada em *A Caminho da Linguagem* significa, inicialmente, ocupar-se da linguagem como um todo na *vira-volta* e, também, de suas bases iniciais, constituídas no primeiro momento da trajetória do filósofo.

Heidegger não delimita sua obra pelos seus próprios temas internos, e nem mesmo estabelece conceituações de modo fechado. A análise existencial de *Ser e Tempo* e seu posterior entendimento da existência como um acontecer contínuo, indeterminado e demarcado na história a partir de sua correspondência com o Ser, admitem algumas construções não exploradas ou até mesmo pouco desenvolvidas pelo próprio Heidegger. Na qualidade de um filósofo que se dedicou às questões do Ser e, em

---

<sup>134</sup> A. Duarte, op.cit. p. 144.

decorrência disto, elegeu o homem e suas dimensões existenciais como uma constante em sua obra, Heidegger não se pronunciou específica e explicitamente sobre uma ética a partir de seu pensamento. No entanto, deixa algumas noções ao longo de sua bibliografia que acenam para um horizonte que questionaria o *Dasein* em sua dimensão do ser-com não somente como um traço existencial. Elevaria este fator a discussões morais da existência compartilhada tanto com os outros quanto com o mundo e o Ser. Diversos comentadores, alguns deles consultados ao longo desta pesquisa, se dedicam e até propõem desenvolvimentos sobre este tema. “*Não se trata de impor arbitrariamente ao pensamento de Heidegger conclusões que ele próprio não formulou, mas de propor um questionamento da abordagem heideggeriana da linguagem circunstanciado pela questão ética pós-metafísica*<sup>135</sup>.”

A linguagem na totalidade filosófica da obra de Heidegger, ponto discutido na maior parte de seu percurso, incita reflexões sobre uma possível ética fundamentada naquilo que o pensador apresentou.

*Ser e Tempo* inaugura o pensamento ontológico heideggeriano e concretiza o homem como o ser-aí que compartilha o mundo com os outros e os demais entes que lá estão. O *Dasein* se torna personagem central do projeto do primeiro estágio da filosofia heideggeriana, pois é considerado a única possibilidade de compreensão do ser pelo autor e, portanto, articulado pré-reflexivamente a seu entendimento, contradizendo as fundamentações metafísicas pautadas somente na racionalidade. A abertura apropriadora do *Dasein* que Heidegger demonstra em *Ser e Tempo* proporciona ao ente que somos o contato com si-mesmo de modo silencioso. Na compreensibilidade do ser-aí, a linguagem atua como a descobridora do sentido existencial da finitude do *Dasein* e, ao mesmo tempo, do seu compartilhamento com o outro. Levando em conta a indispensável compreensão comunicativa da linguagem, Heidegger propõe que o ser-com se dê no recebimento do outro por uma dada existência. Nesta relação o *Dasein* se dá conta de que no mundo há semelhantes que existem do mesmo modo, mas são únicos como indivíduos.

---

<sup>135</sup> A. Duarte, op.cit. p. 134.

Neste sentido, a apropriação de si-mesmo proposta pelo pensador como uma possibilidade da existência quando administrada em razão da finitude, é perpassada pela noção de que há um outro também existente. O tema específico da linguagem implica a necessidade da comunicação para que o convívio se estabeleça. A linguagem promove o encontro que esmiúça as peculiaridades que pertencem a cada existência, possibilitando, deste modo, que os homens se compreendam, ao mesmo tempo, como semelhantes e absolutamente distintos. Na diferença que há entre os co-seres-aí se instaura a percepção das particularidades, intransferíveis e características de cada existente, que, por sua vez, possibilita o reconhecimento da individualidade em meio a um mundo habitado por outros. A linguagem intermedia a relação que há entre os existentes, na medida em que possibilita que o acolhimento entre eles se estabeleça, também, de modo ontológico. Então, é possível admitir que, em *Ser e Tempo*, Heidegger dá os primeiros passos rumo à ética quando se abre ao contato com o outro não apenas cotidiano, mas ontológico: são existências que compartilham a mesma habitação e estão igualmente rumo à morte.

Para melhor compreender os temas aqui brevemente levantados – o si-mesmo e a finitude, a alteridade e a semelhança do outro – convém fazer algumas considerações sobre a noção de *cura* (*Sorge*).

Co-habitar e conviver no mundo implicam ao *Dasein* a necessidade de administrar os contatos que perpassam sua existência. Heidegger chama *cura* a disposição do ser-aí em cuidar de si, das coisas e entes que o cercam e dos outros com quem convive. O cuidado destinado por cada ser-aí à existência como um todo não diz respeito a um zelo tardio enquanto capacidade de sanar um problema já estabelecido. Ao contrário, *Dasein* cuida de sua própria existência, dos entes que o cercam e dos co-seres-aí a partir de uma ocupação antecipada pelos últimos. *Dasein* se pre-ocupa em relação aos outros, se lançando à percepção de sua finitude que é, também, comum ao co-ser-aí. Uma vez que o ser-aí é um constante poder-ser, a finitude se apresenta como possibilidade de compreensão de um sentido que necessita o cuidado prévio e não apenas reparador de algo já

ocorrido.<sup>136</sup> É por se configurar essencialmente como poder-ser, isto é, indefinido em meio à abertura ao mundo que o ser-aí se antecede na cura. “O poder-ser é aquilo em função de que Dasein é sempre como é de fato”<sup>137</sup>. Nesta condição, o ser-aí se precede a si mesmo, pois já está em direção à totalidade daquilo que sendo, de fato, não é. O existente somente pode preceder-se a si mesmo, porque é ser-no-mundo e esta condição implica a não determinação prévia e estática em um único modo de ser, pronto e acabado, como os entes que o cercam. Portanto, é pelas características peculiares do ser-aí apresentadas que Heidegger ilumina o existencial da *cura* como articulado à dimensão do ser-em. Logo, somente *Dasein* é capaz de zelar pela conjuntura que se apresenta a sua volta, pois já está em um mundo habitando. Heidegger<sup>138</sup> diferencia os modos como a “cura” se manifesta no existir. Tomando por base as construções do termo na língua alemã, são considerados três modos: *Sorge*, *Bersorgen* e *Fürsorge*<sup>139</sup>.

No primeiro modo, *Sorge* designa um estado, embora não uma situação estática. Sendo, *Dasein* está direcionado ao futuro, num processo

---

<sup>136</sup> O termo alemão *sinn* traduzido ao português como “sentido” designa, em seu significado lingüístico, caminho, rota, rumo, viagem. Ao considerar *Dasein* finito, e por esta condição, perseguidor da atribuição de sentido à existência, o *sentido* discutido por Heidegger é, ao mesmo tempo, buscado e direciona o existente humano. Em última análise, sentido é *sentido de ser*. Portanto, a questão acerca do ser redireciona sua importância a este ponto, destituindo de qualquer perspectiva significante seu aspecto fundamental. Não se trata de nomear e explicar o ser, mas explorar a busca de *Dasein* por **este** sentido, os encaminhamentos que a existência abre como condição de possibilidade ao humano. *Sentido (sinn)* trata do rumo que a capacidade do ser-aí de ser-no-mundo obtém. Cf. M. Heidegger, **SZ**.

<sup>137</sup> M. Heidegger, **BT**, p. 237.

<sup>138</sup> Cf. M. Heidegger, **BT**.

<sup>139</sup> Heidegger usa três palavras cognatas: 1. *Sorge*, ‘cura (cuidado)’, é ‘propriamente a ansiedade, a preocupação que nasce de apreensões que concernem ao futuro e referem-se tanto à causa externa quanto ao estado interno’. O verbo *sorgen* é ‘cuidar’ em dois sentidos: (a) *sich sorgen um* é ‘pré-ocupar-se, estar preocupado com’ algo; (b) *sorgen für* é ‘tomar conta de, cuidar de, fornecer (algo para)’ alguém ou algo. 2. *Bersorgen* possui três sentidos principais: (a) obter, adquirir, prover’ algo para si mesmo ou para outra pessoa; (b) ‘tratar de, cuidar de, tomar conta de’, algo (c) especialmente com o participio passado, *besorgt* [...] 3. *Fürsorge*, ‘preocupação’ é ‘cuidar ativamente de alguém que precisa de ajuda’. [...] ‘O modo de ser básico de *Dasein* é que em seu ser está em jogo seu próprio ser. Este modo básico de ser é concebido como cuidado [*Sorge*], e, como modo básico de ser de *Dasein*, este cuidado não é menos originalmente ocupação [*Bersorgen*] e isto se *Dasein* é essencialmente ser-no-mundo. Da mesma forma, este modo básico de ser de *Dasein* é preocupação [*Fürsorge*] na medida em que *Dasein* é ser-um-com-o-outro”. M. Inwood, *Dicionário Heidegger*. p.26.

ininterrupto de sucessivas investidas à incompletude de sua condição. Traduzido para o português como cura/cuidado, faz alusão à função de quem zela, ou seja, administra uma dada condição presente antevendo a possibilidade do por-vir. Em seu segundo desdobramento terminológico, *Bersorgen*, remete ao cuidado do ser-aí para com os demais entes e objetos do mundo que o cercam. Ocupação, na tradução para o português, diz respeito a uma das facetas do acolhimento do diferente que somente *Dasein* porta. *Bersorgen* designa, dentre outras aplicações, o ato de proteger, cuidar de, e fornecer algo para. Assim, o ser-aí direciona sua capacidade de zelar pelos demais entes que o cercam no mundo, pois, de fato, o ente que somos não está apenas acompanhado por seus semelhantes. O termo *Fürsorge* refere-se à possibilidade de convívio de *Dasein*, que atravessa sua condição de co-ser-aí e pode ser traduzido como *pré-ocupação*. O hífen que separa a palavra *pré-ocupação* é um recurso lingüístico para destacar que a utilização deste mesmo vocábulo não é feita, e nem deve ser entendida, no sentido comum. É o cuidado prévio de *Dasein* que se antevê, mesmo em relação aos outros, de modo a cuidar de alguém necessitado do olhar que acompanha. É na própria ocupação antecipada que o ser-aí mantém sua relação de convívio com as demais existências, que com ele dividem a habitação de um mesmo mundo. No entanto, *Dasein* se percebe acompanhado no mundo a partir de um contato com um outro indistinto, um tipo de conhecimento destituído da compreensão de particularidades. Não é possível ao ser-aí, em um primeiro momento, receber e acolher a peculiaridade alheia, igualmente individual e intransferível. Acessar o outro em suas mais distintas bases existenciais não diz respeito ao teor do primeiro contato com a noção de compartilhamento no mundo. Portanto, considerar uma proposta ética a partir de *Ser e Tempo* faz com que a "cura" seja o ponto no qual as existências se colocam em conformidade; admitem que o con-vívio somente pode ocorrer mediante a *pré-ocupação (Fürsorge)* antecedida pelo zelo próprio em razão da finitude como horizonte.

Neste contexto, a linguagem é aquilo que pode estabelecer o contato significativo e produtor de sentido entre as existências, uma vez que é compreendida, também, como a possibilidade de unificação da teia de

significados que é o mundo do ser-aí. O abrigar o ser expresso em *Ser e Tempo* como um ponto fundamental ao ser-com se relaciona com a linguagem, ainda, na fixação da noção de ser-para-a-morte<sup>140</sup> que nos caracteriza como finitos. *Dasein* experiencia a própria morte ao longo da existência e se estabelece como um mortal que admite o horizonte da finitude como uma possibilidade de acolhimento do outro, percebido também finito. A linguagem confere à existência, bem como ao ser-aí e aos outros, as noções de sentido (*sinn*), que configuram a conjuntura fundamental do *Dasein*, enquanto um ser-para-a-morte em um mundo com os outros.

Quando, na *vira-volta*, o ser-aí é destituído de sua posição fundamental à compreensão do ser justamente por Heidegger modificar o conceito de Ser investigado neste período, uma proposta ética construída a partir da analítica existencial de *Ser e Tempo* se torna incompleta. Da mesma forma que diversos conceitos são aprimorados e têm novas articulações propostas, em particular a linguagem, o *Dasein* também passa a ser entendido a partir de um viés histórico-ontológico. A pergunta sobre a *história da verdade do Ser* recondiciona a existência: de um modo de ser do ser-aí manifesto como uma indeterminação rumo ao horizonte da finitude, para uma correspondência com o Ser. A *vira-volta* promove uma reinvenção do entendimento da abertura característica da existência. O *Dasein*, então, é apresentado como uma condição de abertura que diz respeito, também, aos modos de manifestação do Ser que convoca tanto o homem quanto a própria história a acolhê-lo.

Aos existentes, o filósofo chama de "mortais". Enfatizando a finitude como aquilo que caracteriza o homem, Heidegger propõe a ampliação do *Dasein* a um horizonte ontológico transcendente à existência. O "aí" que caracteriza o ente que somos como um ek-sistente é compreendido, também, como parte fundante ao entendimento da história e da verdade. A linguagem, em decorrência, é destituída de sua relação exclusivamente existencial e se abre a um novo tipo de articulação, como um modo de desvelamento do Ser mediado pelos mortais e capaz de trazer à tona a verdade. Deste modo, o "segundo Heidegger" considera o homem como

---

<sup>140</sup> Cf. **BT**. §§ 51-52.

peça fundamental ao entendimento do Ser. No entanto, distancia-se de *Ser e Tempo* por admiti-lo, de início e na maior parte das vezes, como um intermédio compreensivo aos envios do Ser. Em outras palavras, a existência é desvelada pelo pensador como a abertura que possibilitaria a manifestação do Ser e, por consequência, o desvelamento da história como *Ereignis*. Na clareira (*Lichtung*), a verdade pode sair do obscurecimento a partir da luz promovida pela compreensão dos mortais do acontecimento apropriador, que somente se dá desta forma por habitarem a linguagem. Como morada do Ser, a linguagem abriga, também, o ser-aí em razão de sua condição de mensageiro que compreende e manifesta os envios do Ser à suas destinações.

Com o foco da *vira-volta* distinto do período de *Ser e Tempo*, o *Dasein* e a verdade - compreendidos também a partir de evoluções em relação à juventude de Heidegger - e a linguagem - entendida como dimensão transcendente à existência - fazem com que o problema ético heideggeriano atravesse o Ser e a história como bases de sustentação.

Propondo que as amarras impostas pela tradição metafísica sejam dispensadas, Heidegger permite que o projeto de uma ética esteja pautado na origem do termo *éthos* e não em classificações costumeiras e que limitariam o pensar filosófico a uma esfera ôntica.

Ao pensar originariamente o *ethos* como morada, como abrigo comum na proximidade velada da clareira do ser - sem designar qualquer espaço, tempo ou atitude definidos e localizáveis; sem mencionar quaisquer hábitos ou costumes históricos socialmente compartilhados, passíveis de repetição e ensino, bem como sem se ater a quaisquer procedimentos de universalização normativa - Heidegger não se afasta da possibilidade de repensar a ética. Muito pelo contrário, ele nos ajuda a redefini-la, ao nos desvencilhar das determinações tradicionais, espaço temporais, a partir das quais não pensamos e não exercitamos nossa *co-existência* na abertura do ser<sup>141</sup>.

Ao apresentar a ética nestes termos, o filósofo amplia a compreensão deste ponto e sugere que a existência seja um modo de ser da ética e não exclusivamente seu palco. Repensar a ética pelo horizonte da morada implica, necessariamente, na discussão de uma possibilidade

---

<sup>141</sup> A. Duarte. op. cit. p. 155.

transcendente ao ser-com como acolhimento e cuidado com o outro em consequência do zelo próprio. O *éthos* da segunda fase dialoga com a capacidade do *Dasein* de receber o Ser e possibilitar seu desvelamento, isto é, de deixar-ser o Ser.

Promover o desvelamento do Ser como um fenômeno, isto é, fazer com que se mostre por si mesmo e a partir de si mesmo, pode ser entendido levando em consideração a linguagem. Da mesma forma que Heidegger contextualiza a linguagem como a articulação da compreensibilidade do *Dasein* em *Ser e Tempo*, mediar o desencobrimento do Ser na história (*Geschichte*) para a compreensão do ser-aí é deixá-lo ser. Deixar-ser o Ser é um modo de ser dos mortais que constitui, justamente, a ação indispensável capaz de pensar e desvelar a verdade e o Ser como fenômenos compreensíveis. Na serenidade (*Gelassenheit*) do *Dasein*, habita o desvelamento e, na linguagem, se abriga o Ser. É aí que se pode inserir uma ética do “deixar-ser”.

Antes, e principalmente, trata-se de pensar e agir no sentido de uma ética do deixar-ser, capaz de deixar o outro ser livre para seu poder-ser mais próprio. No sentido de uma ética pós-metafísica pensar é agir, assim como agir é pensar, e tanto a ação de tal pensamento quanto o pensamento de tal ação escapam ao exercício da conceitualização e justificação teóricos sistemáticos, pois tal agir e tal pensar ontológico ético não são nem da ordem do teórico nem da ordem do prático, não implicam a pretensão de causar quaisquer efeitos determinados ou resultados mensuráveis no mundo<sup>142</sup>.

Se, de um lado, a analítica existencial de *Ser e Tempo* possibilita que a ética seja pensada como o acolhimento do outro a partir do reconhecimento da finitude alheia e de si mesmo, de outro lado, na *vira-volta* o *Dasein* em sua co-existência se abre ao Ser para recebê-lo. Contrariando os pressupostos metafísicos, ao abrir-se ao Ser, os mortais não o categorizam estabelecendo determinações que possam aprisioná-lo nos limites da razão. Heidegger sugere que o acolhimento do Ser consiste justamente em pensá-lo tal como um fenômeno, deixando que seu aparecimento se dê do modo como se dá. A postura ética do *Dasein* seria,

---

<sup>142</sup> A. Duarte. op.cit. p. 155.

portanto, transcender a existência e dirigir-se ao Ser. Deste modo, a linguagem, que articula a compreensibilidade do ser-aí no mundo e transmite o Ser à história e aos homens, libera-o como modo de ser da verdade enquanto desvelamento por não se tratar de um conceito fechado e determinável pelo pensar humano. Pensar, neste contexto, é a própria serenidade da liberação originária do aparecer do Ser, antecedente ao próprio *Dasein* e sua condição historial.

A preocupação ontológica de Heidegger na *Kehre* sustenta todo pensamento acerca do *Dasein* que, neste período, é compreendido como o próprio *entre* que intermedia Ser, mundo e história. A superação da analítica existencial implica necessariamente na ampliação dos limites da linguagem e, por consequência, numa possível ética pautada na relação entre o Ser e a verdade.

Sugerir uma abordagem ética para o pensamento de Heidegger, levando-se em consideração sua transformação, faz com que a totalidade deste pensamento seja revisitada com a intenção de observar, não as evoluções quase inevitáveis, mas as possibilidades de continuação e ampliação. Como o próprio filósofo sugeriu em sua *vira-volta*, o primeiro momento justifica o segundo e vice-versa, portanto, as aberturas deixadas nas articulações conceituais podem ser compreendidas além da cronologia das obras. Apesar de nunca se pronunciar acerca deste tema, mesmo amplamente cobrado pela comunidade filosófica de sua época, Heidegger sustentou sua procura pelo Ser no *Dasein* do homem, o que por consequência, abriu portas aos questionamentos sobre seus temas mais obscuros ou menos explícitos. Em *Carta sobre o humanismo*, responde a Jean Beaufret afirmando que, antes mesmo de considerar a ética a partir de uma perspectiva moral, deve-se esclarecer os limites entre a ontologia e a própria ética. O esclarecimento necessário apresentado por Heidegger intenciona reestabelecer os limites da filosofia, estanques há tempos. O filósofo não concebe o pensamento filosófico circunscrito em suas definições categóricas estabelecidas ao longo da tradição. Ao contrário, considera que a filosofia, como tarefa do pensamento, não se limita a determinações, mas promove possibilidades de ampliação compreensiva.

## Referências bibliográficas

CASANOVA, M. A linguagem do acontecimento apropriativo. In: **Natureza Humana 4(2)**. pgs. 315-339, São Paulo, 2002.

DUARTE, A. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. In: **Natureza Humana. V. 7**. N.1, São Paulo, 2005.

FABRI, M. Claridade e obscuridade: Heidegger, Levinas e o Deus invisível. In: **Natureza Humana V. 10**. N.2, São Paulo, 2008.

HEIDEGGER, M. De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. In: **A caminho da Linguagem**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. A Linguagem. Tradução Marcia Sá Cavalcanti Shuback. In: **A caminho da Linguagem**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. A linguagem na poesia. Tradução Marcia Sá Cavalcanti Shuback. In: **A caminho da Linguagem**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Origem da Obra de Arte**. Edição Bilingue. Tradução Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo, Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. O caminho para a linguagem. Tradução Marcia Sá Cavalcanti Shuback Leão. In: **A caminho da Linguagem**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_., **Being and time**. Tradução John Macquarrie and Edward Robinson. New York: Harper Perennial Modern Thought edition, 2008.

\_\_\_\_\_. Carta sobre o humanismo. Tradução Ernildo Stein. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, 1979.

\_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Ed. Centauro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Contributions to Philosophy : (From Enowning)**. Translated by Parvis Emad and Kenneth Maly, Bloomington, Indiana University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. O que quer dizer pensar? In: **Ensaio e conferências**. Tradução Gilvan Fogel. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Hinos de Hölderlin**. Tradução Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2010

\_\_\_\_\_. **History of the Concept of Time: Prolegomena**. Tradução T. Kisiel. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Introdução à filosofia**. Tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Meditação**. Tradução e introdução Marco Antônio Casanova. São Paulo: Ed. Vozes, 2010. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. Posfácio (1943) – Que é metafísica. In: **Os pensadores**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 2005.

\_\_\_\_\_. Que é isto – a filosofia?. In: **Os pensadores**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 2005.

\_\_\_\_\_. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução Maria Sá Cavalcanti Schuback, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão da técnica. Tradução Emmanuel Carneiro Leão In: **Ensaio e Conferências**, Petropolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Sobre a essência da verdade. In: **Os pensadores**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2005.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Tradução Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEÃO, E.C. Apresentação. In: **Ser e Tempo**. Tradução Maria Sá Cavalcanti Schuback. Petropolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

LOPARIC, Z. A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger. In: **Natureza Humana. V. 6**. N 1, São Paulo, 2004.

NUNES, B. Heidegger e a Poesia In: **Natureza Humana. V. 2**. N.1, São Paulo, 2000.

STEIN, E. Conferências e escritos filosóficos. In: **Heidegger-Coleção Pensadores**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.